



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional  
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

# ECPC LVT

junho | 2026

## ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO  
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



### Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, os valores médios da temperatura máxima foram superiores ao normal para a época (cerca de 1,6°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos e 2,2°C na estação de Alcobaça). Nos dois períodos mais quentes do mês (entre os dias 11 a 14 e 21 a 24), as temperaturas máximas apresentaram um desvio positivo significativo relativamente às normais climatológicas de referência, contribuindo fortemente para elevar os valores médios do mês. Durante os restantes dias, as temperaturas máximas foram bastante próximas dos valores padrão. As temperaturas mínimas também apresentaram valores médios superiores aos normais para a época (cerca de 1,9°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos e 2,5°C na estação de Alcobaça). Na primeira metade do mês registaram-se algumas noites acentuadamente mais frias, com temperaturas inferiores aos valores de referência para a época, mas, a partir do dia 12 e até ao dia 23, as temperaturas mínimas apresentaram uma tendência de subida, seguida de uma ligeira descida que se manteve até ao final do mês. Igualmente a partir do dia 12, as temperaturas mínimas mantiveram-se sistematicamente acima do valor padrão para a época. As amplitudes térmicas (diferença entre as temperaturas máxima e mínima observadas no mesmo dia) mais altas, de 23,8°C, 19,5°C e 17,8°C, registaram-se no dia 11, respetivamente na estação de Alcobaça e de Torres Vedras/Dois Portos, e no dia 12 na estação de Santa Cruz (Aeródromo).

A maior parte dos dias decorreu com céu pouco nublado ou limpo, mas frequentemente com períodos de muita nebulosidade durante a manhã ou ao final da tarde, principalmente e de forma mais persistente junto ao

litoral. Verificaram-se ainda alguns dias de céu muito nublado, mais concentrados na segunda metade do mês, período em que foi muito frequente a formação de neblina ou nevoeiro matinal, contribuindo para elevar a humidade relativa do ar.

O mês foi ventoso. Na maior parte dos dias a intensidade do vento foi fraca a moderada. No entanto, foram frequentes os dias com vento mais forte junto ao litoral.

Verificaram-se alguns dias com precipitação de valor muito reduzido, com exceção do dia 25, em que ocorreu com algum significado, na forma de aguaceiros, principalmente nos concelhos do Baixo Oeste.

Com a subida das temperaturas e o vento frequente, o teor de água no solo reduziu de forma acentuada, apesar de alguma precipitação na última semana. No final do mês, os solos na região encontravam-se principalmente no índice CC [21, 40], tal como no mês anterior, mas as áreas no índice CC [41, 60] eram praticamente inexistentes, limitando-se apenas à parte norte dos concelhos de Alcobaça e Nazaré. Por outro lado, observavam-se diversas áreas nos concelhos de Alcobaça, Caldas da Rainha, Óbidos, Cadaval e Alenquer em que o solo já se encontrava no índice CC [11, 20].

Durante o mês houve boa disponibilidade hídrica para o abeberamento das espécies pecuárias e para as culturas instaladas. As principais linhas de água superficiais apresentavam caudais dentro dos níveis habituais para esta altura do ano. As reservas hídricas à superfície mantinham níveis de armazenamento elevados, embora tenham diminuído ligeiramente face ao mês anterior. As reservas de água subterrâneas mantinham-se em níveis superiores ao normal para a época.

O tempo quente e o vento levaram à intensificação da rega nas culturas de regadio. As de sequeiro, que acusavam falta de água, beneficiaram com a precipitação ocorrida no dia 25. Os trabalhos agrícolas próprios da época realizaram-se com regularidade. O mês em geral foi de muita atividade no campo. Com as

temperaturas e os níveis de humidade relativa do ar elevados na maior parte dos dias devido à frequência de neblinas, foi necessário proteger as culturas com a realização de tratamentos fitossanitários frequentes.

As temperaturas elevadas prejudicaram os cereais de sementeira outono-invernal instalados tardiamente, em março, acelerando a secagem das plantas e afetaram a formação do grão.

Nas vinhas de uva para vinho e de uva de mesa, o aumento das temperaturas e as reservas hídricas ainda disponíveis no solo, promoveram um desenvolvimento vegetativo acentuado das videiras e também de infestantes. A conjugação das temperaturas com a humidade elevada, resultante das neblinas frequentes e da precipitação verificada no dia 25, elevaram o risco de doenças criptogâmicas como o míldio, o oídio e o bago negro ou podridão negra (Black Rot), tendo havido necessidade de uma forte proteção da cultura.

Nos pomares de pomóideas, o estado do tempo não influenciou significativamente o desenvolvimento dos frutos (peras e maçãs). Devido às temperaturas mais elevadas que se registaram em alguns dias do mês, pontualmente surgiram problemas de escaldão nos frutos, principalmente em maçãs, uma vez que as peras ainda se encontravam bastante protegidas pela folhagem. O processo de monda dos frutos, que se encontrava a decorrer, foi oportuno para retirar os frutos escaldados. Tal como no mês anterior, continuou a registar-se mortalidade anormal de macieiras, cada vez mais evidente sobretudo nas zonas de pomares mais sujeitas a encharcamento prolongado devido à precipitação elevada no período de inverno. A precipitação ocorrida no final do mês foi benéfica para o calibre dos frutos em geral, mas principalmente para os pomares de sequeiro. O aumento da humidade associada à precipitação elevou o risco de infeções nos pomares. A subida das temperaturas aumentou a pressão de pragas.

Nas prunóideas em geral, a subida da temperatura foi favorável ao amadurecimento dos frutos.

Nos pomares de limão, o tempo quente e seco foi propício ao surgimento de pragas, e os dias com temperaturas mais elevadas poderão ter provocado queimadura solar, afetando principalmente os frutos maduros, mas também os que estão em crescimento. A precipitação ocorrida na última semana, em quantidade razoável nalgumas zonas, ajudou a equilibrar as necessidades hídricas da cultura.

No olival, as temperaturas elevadas e a menor disponibilidade de água no solo, acentuaram a queda fisiológica dos frutos em desenvolvimento e causaram alguma desfolha nas árvores.

Na cultura do tomate para indústria, as temperaturas mais elevadas nos dias 12 e 23, poderão ter causado algum abortamento floral e influenciar negativamente a taxa de vingamentos, impacto que só será possível avaliar em julho. As neblinas frequentes e alguma precipitação na última semana, elevaram o risco de aparecimento de míldio.

Na cultura do arroz, as plantas ainda se encontravam pequenas, pelo que as neblinas e os dias de vento mais forte não causaram prejuízos. As temperaturas elevadas, promoveram o desenvolvimento vegetativo do arroz, mas também das infestantes.

As condições meteorológicas de temperatura e humidade ao longo do mês promoveram o desenvolvimento vegetativo do milho de sequeiro. A precipitação ocorrida no dia 25 deu um impulso no desenvolvimento da cultura.

A precipitação foi igualmente favorável para a cultura do feijão para seco. Os feijões já se encontravam desenvolvidos nas vagens e a precipitação beneficiou o calibre.

Relativamente às principais culturas hortícolas de ar livre, a precipitação foi benéfica, embora tenha chovido pouco nas principais zonas de produção de couves, designadamente Lourinhã e Peniche. Devido a uma primavera complicada, com grandes oscilações de temperatura e tempo bastante seco nos meses de abril

e maio, e a um início de verão também muito complicado, com uma pressão muito forte de pragas, que se associa ao facto de muitas culturas de inverno, abandonadas, terem permanecido no campo e servido de incubadora, as couves disponíveis no mercado durante o mês não apresentaram boa qualidade. Embora no final do mês não houvesse couves em colheita, havia muita produção disponível armazenada no frio. Apesar de terem recuperado um pouco, os preços mantinham-se muito baixos, proporcionando um rendimento bastante fraco aos produtores. Na cultura da cenoura houve necessidade de intensificar a rega devido à subida das temperaturas. O aumento de humidade daí resultante e a subida da temperatura, promoveram o surgimento do “picado” na cenoura. A doença, que se manifesta pela presença de pequenas manchas ou lesões secas na raiz, retirando valor comercial ao produto, apresentou forte intensidade em alguns campos de variedades mais suscetíveis, comprometeu a qualidade da produção e originou taxas elevadas de rejeição na lavagem e escolha. Os campos de variedades menos sensíveis ao fungo apresentavam boa qualidade. Em janeiro e fevereiro não se realizaram sementeiras devido às condições do tempo, tendo as mesmas ficado muito concentradas no final de fevereiro e início de março, o que resultou num excesso de produção disponível no campo e de oferta na segunda metade de junho, causando uma descida acentuada de preços que chegaram a níveis extremamente baixos. As abóboras ainda se encontravam no campo, em crescimento. O desenvolvimento vegetativo e o nível de vingamentos apresentava-se muito satisfatório. A primavera seca foi ideal para o desenvolvimento das cucurbitáceas em geral, produzidas em regadio. A cultura em sequeiro apresentava um fraco desenvolvimento devido à falta de humidade no solo.

Nas culturas hortícolas em estufa, com as temperaturas mais elevadas foi necessário manter um ambiente fresco, para o qual contribuiu a pintura das estufas já realizada no mês anterior. Durante o mês mantiveram-se as colheitas de pepino, courgette e tomate, mas

aproximavam-se da fase final porque em julho decorrerão as plantações da segunda campanha de tomate e também devido aos preços de mercado se encontrarem muito baixos, não se justificando o prolongamento das culturas instaladas.

No **Médio Tejo**, o tempo caracterizou-se como muito quente e seco. Na segunda metade do mês verificou-se a ocorrência de temperaturas máximas significativamente acima do normal para a época, associadas a uma onda de calor iniciada a partir do dia 16 até ao dia 23, de acordo com os registos disponíveis da estação meteorológica de Alvega. Entende-se como onda de calor o intervalo de pelo menos seis dias consecutivos com temperatura máxima diária superior em 5°C ao valor médio das temperaturas máximas diárias, no respetivo mês, para o período de referência 1991-2020. As amplitudes térmicas registaram ainda bastante variabilidade ao longo do mês na estação meteorológica de Alvega, com um valor médio de 16,3°C.

Os dias decorreram predominantemente com céu pouco nublado ou limpo e alguns dias de céu limpo. Pontualmente, durante a primeira e a penúltima semanas do mês, registaram-se períodos temporários de maior nebulosidade.

O vento foi predominantemente fraco a moderado, soprando por vezes forte nas terras altas.

A precipitação acumulada no final do mês foi muito residual e situou-se muito abaixo dos valores normais para a época. A mesma ocorreu sobretudo sob a forma de aguaceiros.

Com as condições meteorológicas registadas, de uma forma geral, no final do mês, o teor de água no solo diminuiu na região, distribuindo-se pelos índices CC [21, 40] e CC [11, 20]. Salienta-se, no entanto, que no concelho de Alcanena predominava o índice CC [11, 20] e no concelho de Mação ainda se verificava uma pequena mancha situada no índice CC [41, 60].

Os níveis de armazenamento das reservas de água superficiais e subterrâneas encontravam-se acima do normal para a época, mantendo-se uma boa disponibilidade de água para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

No que respeita à influência do estado do tempo nas culturas, ao longo do mês existiram condições propícias para a realização das operações agrícolas, tendo as mesmas decorrido com normalidade.

Nas culturas de cereais praganosos, as condições de tempo permitiram a realização das colheitas com normalidade.

Nas vinhas, ocorreu um primeiro escaldão no início do mês pelas temperaturas altas registadas nesse período.

Nas figueiras, o estado do tempo não influenciou a maturação dos figos lampos da variedade lampa preta. Noutras variedades de epiderme verde houve alguns frutos escaldados pelo sol. Os figos vindimos da variedade pingo de mel estavam a desenvolver-se normalmente, independentemente do estado do tempo ocorrido, sendo expectável que a maturação se antecipe devido ao calor.

Nas amendoeiras, as vagas de temperaturas elevadas afetaram negativamente a cultura, resultando em evidentes quebras de produção. Nos pomares localizados a montante do concelho de Constância, as faltas de água no rio Tejo que impediram a rega e promoveram situações de stress hídrico, mais agravadas especialmente nas árvores com volumes de copa maiores, baixaram a expectativa de produtividade.

Nos olivais tradicionais, o aumento significativo da temperatura, associado à redução das reservas hídricas do solo, acentuou a queda fisiológica das azeitonas em desenvolvimento e provocou uma ligeira desfolha das árvores.

No tomate para indústria, as temperaturas registadas no mês revelaram-se favoráveis ao desenvolvimento da cultura. Nos dias com temperaturas mais elevadas do

que o habitual, ocorreu uma intensificação da rega de forma a prevenir carências hídricas da cultura. Verificou-se algum efeito de escaldão nos frutos, mas de forma pouco significativa, estando ainda protegidos com bastante rama verde.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as temperaturas máximas foram mais estáveis e ligeiramente inferiores ao normal para a época até ao dia 9 e a partir do dia 24. Durante o restante período, apresentaram-se mais elevadas e instáveis, com valores regularmente superiores aos de referência para a época. As temperaturas mínimas apresentaram uma maior estabilidade e tendência de ligeira subida com exceção do período entre os dias 3 e 11, em que se verificaram noites mais frescas. As temperaturas médias foram um pouco superiores aos valores de referência para a época, verificando-se de forma mais acentuada nas temperaturas máximas. Durante o mês registaram-se alguns dias com amplitudes térmicas diárias bastante acentuadas. Os valores mais elevados, de 25,0°C e de 26,3°C foram registados no dia 11, respetivamente na estação de Santarém e na estação de Coruche.

O mês decorreu principalmente com dias de céu pouco nublado ou limpo e com alguns dias com períodos de muita nebulosidade. Foram poucos os dias em que ocorreu formação de neblina ou nevoeiro.

O vento foi predominantemente fraco a moderado, registando-se maior intensidade em alguns dias.

A precipitação acumulada no mês foi muito reduzida, situando-se muito abaixo do normal para a época.

Com a fraca precipitação e a subida das temperaturas, no final do mês o teor de água no solo tinha diminuído em toda a região, predominando o índice CC [21, 40]. Já se observavam algumas áreas no índice CC [11, 20], nos concelhos da Golegã, Chamusca, Santarém, Alpiarça, Almeirim, Cartaxo e Azambuja. Apenas o concelho de Coruche apresentava uma pequena área ainda no índice CC [41, 60].

As reservas de água superficiais mantinham níveis de armazenamento acima do normal para a época. As águas subterrâneas também mantinham níveis acima do normal para a época na margem norte do rio Tejo e na margem sul os níveis apresentavam-se inferiores. Verificou-se uma boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais e para as necessidades das culturas.

Quanto à influência nas culturas, o tempo quente e seco permitiu a realização dos trabalhos agrícolas com normalidade ao longo do mês, como as sementeiras, plantações, colheitas, tratamentos fitossanitários, fertilizações e regas. Com a elevada subida das temperaturas foi reforçada a administração de rega.

Nas vinhas para vinho, as temperaturas mais elevadas, continuaram a refletir-se no adiantamento do ciclo vegetativo. Nas vinhas para uva de mesa, as condições meteorológicas foram adequadas ao estado fenológico da cultura.

Nos citrinos, designadamente na laranja, verificou-se queda fisiológica de frutos (June Drop) mais acentuada, que se admite estar associada às elevadas temperaturas que ocorreram durante o mês. Devido ao tempo quente, houve necessidade de aumentar os períodos de rega.

Nos pomares de amêndoa as condições do tempo foram favoráveis à cultura.

No olival, de uma forma geral, as condições meteorológicas foram favoráveis ao bom desenvolvimento dos frutos. Nos olivais de sequeiro, o aumento das temperaturas provocou alguma queda fisiológica de frutos, frequente neste tipo de olivais em anos de floração abundante e de temperaturas elevadas no final da primavera, nas áreas com pouca disponibilidade hídrica.

Na cultura de milho, as condições meteorológicas foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura. A principal preocupação no final do mês eram as temperaturas extremas previstas para o início de julho. Com as plantas

a entrar em floração, a mesma pode ficar comprometida com o calor.

Na cultura do feijão, a temperatura acelerou o seu crescimento.

Na cultura do arroz, as temperaturas verificadas no início do mês, sobretudo as mínimas, atrasaram o seu desenvolvimento. A partir do dia 10, a elevada insolação e o bom regime térmico contribuíram para uma evolução normal das searas, recuperando o atraso dos primeiros dias.

Na cultura de grão de bico, o calor sentido nos últimos dias do mês, afetou sobretudo a floração nos campos mais tardios, levando a abortamento floral.

Na cultura do tomate para indústria, as temperaturas ao longo do mês foram favoráveis ao desenvolvimento vegetativo. Os dias com temperaturas mais extremas poderão ter algum impacto no abortamento de flores, que ainda era difícil de quantificar, podendo traduzir-se numa quebra de produtividade. Houve necessidade de aumentar os consumos de água para evitar possíveis situações de *stress* hídrico.

Na cultura do melão, em geral o tempo quente e seco foi favorável, exceto alguma subida repentina de temperatura durante o período de plantações que obrigou a algumas retanchas.

Na cultura da batata, as condições do tempo foram adequadas ao seu desenvolvimento. A maior preocupação será a persistência de dias quentes que se preveem no início de julho, podendo comprometer a produção e a qualidade.

Na **Grande Lisboa**, o mês foi caracterizado por condições meteorológicas globalmente estáveis, com predomínio de tempo seco e céu pouco nublado ou limpo durante a maior parte do mês.

As temperaturas do ar apresentaram uma variabilidade moderada ao longo do mês, oscilando, na generalidade,

em torno dos valores climatológicos de referência para a época. A temperatura máxima mais elevada atingiu 8,3°C acima da normal para a época, evidenciando um episódio de calor significativo. Em contraste, a temperatura mínima mais baixa foi 2,6°C inferior à normal climatológica, refletindo noites relativamente frescas no início do mês. Não houve registo de onda de calor, apenas nos dias 4, 12 e 21 é que a temperatura máxima diária foi superior em mais de 5°C ao valor médio das temperaturas máximas diárias, sendo que essa diferença foi de 5,1°C, 6,1°C e 6,0°C nos dias acima referidos, respetivamente.

A nebulosidade apresentou uma distribuição temporal variável. Predominou o céu pouco nublado ou limpo durante grande parte do mês, embora se tenham observado períodos de céu muito nublado, principalmente no início e no final de junho. A formação de neblina e, pontualmente de nevoeiro, foi evidente sobretudo durante a manhã e junto ao litoral, com maior incidência na zona do Cabo Raso.

O vento soprou predominantemente dos quadrantes norte e noroeste, sendo, em geral, fraco a moderado. Durante os períodos da tarde verificou-se um aumento sistemático da intensidade, com ocorrência frequente de rajadas fortes, particularmente na faixa costeira. Estas condições favoreceram o aumento da evapotranspiração e contribuíram para a redução da humidade superficial dos solos.

Verificou-se a ocorrência pontual de precipitação fraca, sobretudo no início e na última semana do mês. O total mensal foi bastante inferior ao correspondente normal climatológico, confirmando o carácter seco do mês. Comparativamente com a normal climatológica, a precipitação acumulada registada na estação meteorológica de Lisboa (Geofísico) correspondeu a cerca de 13,5% do valor esperado para o mês, registando-se um défice pluviométrico de aproximadamente 86,5%.

Relativamente à humidade relativa do ar, a persistência de céu pouco nublado, a ocorrência de temperaturas

elevadas durante vários dias e o predomínio de vento moderado a forte traduziram-se numa diminuição da humidade relativa durante o período diurno, com recuperação durante a noite.

Quanto ao teor de água no solo, verificou-se uma distribuição espacial não muito diferenciada entre os concelhos da região. O litoral do concelho de Mafra encontrava-se no índice CC [21, 40] e o interior no índice CC [11, 20]. No concelho de Vila Franca de Xira verificou-se uma mancha a noroeste no índice CC [11, 20] e a restante região no índice CC [21, 40]. Os concelhos de Sintra, Loures, Odivelas, Amadora, Lisboa, Cascais e Oeiras apresentavam predominantemente valores correspondentes ao índice CC [21, 40], indicando uma disponibilidade moderada de água no solo.

Apesar da reduzida precipitação acumulada e da ocorrência de temperaturas elevadas, mantiveram-se condições favoráveis de disponibilidade de água nas barragens, aquíferos e linhas de água, assegurando uma disponibilidade hídrica suficiente para rega das culturas e para o abeberamento dos efetivos pecuários.

Relativamente à influência do estado do tempo na agricultura em geral, as temperaturas elevadas e a reduzida precipitação verificadas no mês aceleraram a secagem dos prados e das pastagens.

Nas vinhas de uva para vinho e de uva de mesa, as condições climáticas verificadas durante o mês favoreceram, de um modo geral, o seu desenvolvimento vegetativo. A conjugação de temperaturas amenas com uma adequada disponibilidade hídrica no solo permitiu uma evolução regular do ciclo vegetativo, traduzindo-se num bom estado de desenvolvimento da cultura e em perspetivas produtivas globalmente favoráveis. Contudo, estas condições revelaram-se igualmente propícias ao desenvolvimento de doenças, em particular do oídio e do mildio, tornando necessária a realização de tratamentos fitossanitários preventivos e curativos para assegurar o bom estado sanitário da cultura. Apesar do bom estado geral das vinhas, perspetiva-se a necessidade de acompanhar atentamente a evolução

das condições meteorológicas durante o mês de julho, face ao risco de ocorrência de escaldão associado às temperaturas elevadas previstas.

Nas pomóideas, as condições climáticas contribuíram para um bom desenvolvimento vegetativo e um rápido crescimento dos frutos.

Nos limoeiros, o tempo continuou a ser favorável ao desenvolvimento de pragas.

No olival, o aumento das temperaturas, associado à progressiva diminuição da disponibilidade de água no solo, favoreceu a queda fisiológica de parte dos frutos em desenvolvimento e provocou uma ligeira queda de folhas, sem, no entanto, comprometer o potencial produtivo da cultura.

No arroz, o aumento da incidência de luz solar e das temperaturas a partir da segunda semana, permitiram uma boa evolução vegetativa da cultura.

No tomate para indústria, as condições meteorológicas foram propícias à finalização da instalação da cultura no início do mês, bem como ao crescimento vegetativo das plantações em geral.

No pimento para indústria, a precipitação ocorrida no final do mês acompanhada de rajadas provocou o derrube de algumas plantas e afetou a sua rebentação nas parcelas mais precoces, prevendo-se a realização de tratamentos de reposição foliar durante o mês de julho, com vista à recuperação do desenvolvimento vegetativo.

Na **Península de Setúbal**, as temperaturas máximas registaram em geral valores acima do normal para a época. Apesar de, neste mês, não se poder considerar a ocorrência de uma onda de calor, registaram-se oito e dez dias não consecutivos, nas estações de Setúbal e Pegões, respetivamente, em que a temperatura máxima diária excedeu esse limiar. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais regular ao longo do mês, em geral com valores superiores ao normal para a

época. As maiores amplitudes térmicas foram registadas em meados do mês (23,7°C no dia 21 na estação de Pegões e 22,0°C no dia 12 na estação de Setúbal). As menores amplitudes térmicas observaram-se no início e no final do mês, sendo o menor valor no dia 25 com 7,8°C e 9,0°C, respetivamente nas estações de Setúbal e Pegões.

O mês caracterizou-se pelo predomínio de céu pouco nublado ou limpo, alternando com períodos de maior nebulosidade, mais frequentes no início e no final do mês, durante a noite e manhã, com dissipação gradual ao longo do dia.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25km/h a 30km/h), pontualmente forte no início e final do mês.

A precipitação ocorrida foi praticamente nula, sendo o total mensal registado nas estações da região inferior a 5% do valor normal para a época.

A humidade relativa diária foi em geral inferior à registada no mês anterior.

Relativamente ao teor de água no solo, apesar da precipitação praticamente inexistente ao longo do mês, verificou-se aumento desse parâmetro na maioria dos solos da região, o que poderá estar associado à intensificação da rega das culturas, pela necessidade de aumentar a disponibilidade hídrica no solo. Assim, no final do mês a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [21, 40]. As zonas mais a sul dos concelhos de Setúbal e Sesimbra encontravam-se no índice CC [11, 20]. Ainda no índice CC [41, 60] estavam as zonas sul do concelho do Seixal e norte do concelho de Sesimbra, bem como as zonas sul do concelho de Alcochete e noroeste do concelho de Palmela.

Relativamente aos recursos hídricos, as barragens da região mantinham níveis considerados satisfatórios para a época, não se observando reduções significativas no armazenamento. Também os aquíferos subterrâneos, continuavam com reservas de água em profundidade. Não se verificaram constrangimentos para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, apesar das temperaturas muito elevadas que se fizeram sentir durante o mês, foram efetuados trabalhos no campo próprios da época, nomeadamente a continuação de sementeiras, tratamentos fitossanitários, entre outros.

De salientar que são esperados aumentos muito acentuados de temperaturas no início de julho, com valores extremamente elevados, quer da máxima (que deverá ultrapassar os 40°C), quer da mínima (superior a 20°C). O tempo muito quente e seco aumentará a evapotranspiração e a secura das camadas superficiais do solo, situação que preocupa os agricultores face às consequências no desenvolvimento das culturas.

No que se refere às vinhas, as temperaturas elevadas ocorridas durante o mês suscitaram alguma preocupação, sendo que, de forma generalizada a situação encontrava-se sob controlo. A estratégia predominante foi o reforço da rega para compensar o aumento da evapotranspiração. Relativamente às medidas de mitigação, a aplicação de caulino continua a ser uma prática utilizada em parte da região, sobretudo nas parcelas mais expostas ou suscetíveis ao escaldão. No entanto, os resultados obtidos têm sido limitados, encontrando-se em avaliação outros produtos alternativos. Alguns produtores efetuaram aplicações foliares de silício, com o objetivo de reforçar a proteção e reduzir os efeitos das temperaturas elevadas. A orientação das linhas de vinha tem grande influência na ocorrência de escaldão, sendo que vinhas orientadas no sentido norte-sul tendem a ser mais vulneráveis. Também o vento constitui um fator de risco acrescido por potenciar a perda de água pelas plantas, pelo que a exposição ao vento tem efeito na ocorrência de escaldão. De um modo geral, não se observaram sintomas relevantes de escaldão em cachos, considerando que se encontravam bem protegidos pela folhagem, verificando-se queimaduras em algumas folhas, sem danos significativos nos cachos. No entanto, e apesar do panorama globalmente positivo, em alguns casos começaram a surgir situações pontuais de

escaldão com danos nos bagos das castas mais expostas, particularmente nas mais sensíveis, como Moscatel e Castelão, embora na maioria dos casos os prejuízos fossem ainda limitados. Caso as condições de calor se prolonguem, persiste a preocupação com o enchimento dos bagos e com a capacidade fotossintética das plantas, receando-se que o peso final dos cachos possa ser reduzido, com influência na produção obtida. De salientar que as primeiras ondas de calor são habitualmente mais prejudiciais do que as ocorridas nesta fase da campanha, uma vez que as plantas já desenvolveram algum grau de adaptação às temperaturas elevadas.

Nas pomóideas, as elevadas temperaturas diurnas e ausência de arrefecimento durante a noite originaram preocupação com os efeitos do calor extremo sobre os frutos. O principal risco deixou de ser o escaldão externo (verificado nas maçãs no mês anterior, mas que não se revelou notório), passando a ser os danos internos (assado interior) que nem sempre são visíveis externamente, fenómeno este associado às elevadas temperaturas dos frutos. Nestas condições extremas, verifica-se a interrupção do crescimento dos frutos. Como medida de mitigação, a prática comum foi a intensificação da rega, aumentando a sua duração, de modo a reduzir o *stress* térmico das plantas. Durante os períodos de maior calor, a administração de nutrientes através de fertirrega foi reduzida. Também a utilização de caulino é utilizada na região como proteção em macieiras e em pereiras, sendo eficaz na redução dos efeitos da radiação solar, apesar de a sua capacidade de proteção diminuir quando se verificam temperaturas muito elevadas. Noutros casos foi realizada aplicação foliar de silício, que aumenta a resistência dos tecidos sem alterar o aspeto visual dos frutos.

Nas ameixas, as situações pontuais observadas no mês anterior de escaldão externo devido às elevadas temperaturas, não se revelaram significativas.

No que respeita às tangerineiras, as condições de temperatura e de radiação solar elevadas favoreceram

o crescimento dos frutos e a continuação do desenvolvimento vegetativo das plantas, não se tendo verificado fenómenos meteorológicos extremos com impacto significativo no desenvolvimento da cultura. A precipitação muito reduzida tornou a rega num fator determinante para assegurar um adequado estado hídrico dos pomares.

No milho grão, as elevadas temperaturas previstas para o início de julho constituíam grande preocupação, sobretudo pelo possível impacto na polinização e no vingamento dos grãos. Temperaturas até cerca de 40°C poderão ser suportadas pela cultura desde que exista disponibilidade de água, mas valores superiores poderão comprometer o processo reprodutivo. A gestão da rega assume um papel determinante, mantendo-se os sistemas de rega a funcionar de forma praticamente contínua durante os períodos de maior calor. As parcelas com limitações na disponibilidade de água terão um desenvolvimento menos favorável.

Na cultura do arroz, as temperaturas elevadas condicionaram a realização dos tratamentos herbicidas, obrigando à sua aplicação nas primeiras horas da manhã. Por outro lado, o calor favorece o aumento da salinidade, tornando necessário aumentar a utilização de água doce para assegurar uma adequada qualidade da água de rega nos arrozais. As temperaturas muito elevadas previstas para o início de julho constituem um fator de preocupação, sendo que as temperaturas ideais para o desenvolvimento do arroz situam-se entre 30°C e 32°C. Valores na ordem dos 42°C e 43°C poderão provocar uma paragem temporária do crescimento vegetativo. Contudo, mantendo-se a circulação de água nos canteiros e uma lâmina de água adequada, a cultura poderá suportar estas condições, uma vez que a água modera a temperatura.

Na cultura do tomate para indústria, temem-se as ondas de calor que possam ocorrer no próximo mês, por serem um dos principais fatores de risco, podendo provocar dificuldades na floração e no vingamento dos frutos, bem como causar perdas de produção por escaldão. A

transição muito rápida que ocorreu entre o inverno e o verão, sem um período intermédio de temperaturas amenas, aumentou o stress na cultura.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações desta região.



**Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal**

### Oeste

Na vinha de uva para vinho, as condições meteorológicas não foram propícias para o desenvolvimento do míldio. Contudo, com o tempo significativo de folha molhada da videira, devido às elevadas humidades provenientes das orvalheiras frequentes na região, foi necessário manter a vinha protegida, sem descurar os intervalos de persistência dos produtos. Embora tenham surgido alguns sintomas da doença nas folhas e no cacho, a situação encontrava-se controlada e não se verificou um aumento significativo de estragos. A subida das temperaturas e a humidade matinal elevaram o risco de desenvolvimento de oídio. Foram realizados tratamentos que revelaram eficácia e não houve registo de incidência significativa da doença. Em termos de pragas, verificou-se alguma presença de cigarrinha verde e observou-se o segundo voo da traça da uva, que ocorreu entre os dias 8 e 19, cuja evolução estava a ser acompanhada, com recomendação de tratamentos nas castas mais sensíveis. Devido à fase fenológica da cultura, poderá surgir o bago negro ou podridão negra (Black Rot), principalmente em vinhas mal protegidas, considerando a precipitação significativa observada no dia 25 no

concelho de Torres Vedras, principal zona vitivinícola da região.

A vinha de uva de mesa também apresentava um bom estado fitossanitário devido aos tratamentos efetuados para proteção da cultura contra o míldio e o oídio. Com a subida das temperaturas, durante o mês iniciou-se a presença de cicadelídeos.

Nas pomóideas, nos pomares de pera Rocha o fogo bacteriano, embora continuasse a ser o principal problema fitossanitário, mantendo uma incidência média, tem apresentado uma pressão menos intensa e menos severa do que no ano anterior. A estenfiliose continuava a apresentar uma incidência baixa, embora tenham continuado a surgir sintomas na folha e no fruto, sobretudo em pomares com histórico da doença. O tempo quente e seco foi favorável ao desenvolvimento de pragas, mas não foram identificadas situações preocupantes. A presença de psila teve uma intensidade média/baixa e a pressão de afídeo negro e afídeo verde registou-se com intensidade média/elevada.

Nos pomares de macieiras a presença de fogo bacteriano permaneceu elevada durante o mês. A doença apresenta este ano uma intensidade bastante mais elevada do que a verificada no ano anterior. Contrariamente ao habitual, este ano a incidência da doença nos pomares de maçã é superior à verificada nos pomares de pera, situação influenciada pelas condições em que decorreram as respetivas florações (nas peras, homogénea, num período curto e com tempo mais seco; nas maçãs, heterogénea e mais longa, com maior humidade devido a precipitação ocorrida nessa fase). A incidência de pedrado em folhas e frutos foi média/elevada (devido à humidade durante a floração, que favoreceu o surgimento de infeções). Em termos de pragas, verificou-se uma pressão média/elevada de pulgão lanígero, ácaros e afídeo cinzento. As capturas de bichado (*Cydia pomonella*) em pomares de pera e de maçã não foram alarmantes.

À exceção do fogo bacteriano, as doenças e pragas evoluíram de forma normal durante o mês e os

tratamentos realizados para proteção das culturas revelaram eficácia.

Os pomares de prunóideas continuaram a apresentar boas condições fitossanitárias. Em fase de colheita dos frutos não foram realizados tratamentos. Nos pomares de pessegueiros continuaram a registar-se estragos nas variedades mais precoces que se encontravam em colheita, provocados pela presença de javalis, causando atualmente prejuízos consideráveis em algumas culturas da região.

Nos pomares de limão os problemas fitossanitários mantiveram-se controlados. Durante o mês foram realizados tratamentos para a proteção da cultura, designadamente contra afídeos, ácaros e cochonilha, pois com a subida das temperaturas a intensidade das pragas tende a aumentar.

O olival apresentava-se em muito bom estado fitossanitário, não tendo havido necessidade de tratamentos para proteção da cultura.

Na cultura de tomate para indústria, a humidade registada na folha das plantas, causada pelas neblinas matinais e por alguma precipitação no final do mês, elevaram o risco de aparecimento de míldio. Foram realizados tratamentos preventivos para a doença, que apresentaram eficácia.

Nos arrozais registou-se, logo desde a fase inicial da cultura, uma presença de infestantes superior ao habitual, principalmente de graminhão, milhã e *Leptochloa*, tendo sido registada também alguma presença de algas. Durante o mês foram aplicados herbicidas apenas nos canteiros com plantas mais adiantadas. Nos canteiros com plantas mais jovens não foram ainda feitos tratamentos para não prejudicar o desenvolvimento da cultura. No final do mês ainda não era visível o efeito dos tratamentos realizados. A maior presença de infestantes poderá estar associada ao facto de os solos terem ficado com muita água até bastante tarde, inibindo a germinação de infestantes até à instalação do arroz. Não houve registo de doenças ou

pragas. Foi identificada a presença de javalis, mas ainda sem estragos assinalados.

Na cultura do milho para silagem foi identificada alguma presença de lagarta desfolhadora, tendo havido necessidade de realizar tratamentos. Também foi identificada a presença de javalis que causaram um nível de destruição ainda baixo.

Nas culturas hortícolas de ar livre, designadamente nas couves, verificaram-se ataques bastante fortes de piolhos, mosca da couve, mosca branca e lagartas, que foram difíceis de controlar. Os produtos disponíveis apresentam uma eficácia baixa para combater os piolhos e uma eficácia média para as restantes pragas. Na cultura da cenoura o principal problema fitossanitário foi o desenvolvimento intenso de “picado” em alguns campos de variedades mais suscetíveis à doença, também conhecida como Cavity Spot. Trata-se de uma patologia radicular provocada por fungos (*Rhizoctonia solani*), que se manifesta pela presença de pequenas manchas ou lesões secas na raiz, que retiram valor comercial à cenoura, causando grandes prejuízos na produção. A cultura de abóbora apresentava um bom estado fitossanitário. Verificou-se presença de míldio e de oídio, com baixa intensidade.

Nas culturas de hortícolas em estufa, registou-se a presença de oídio no pepino e na courgette e de *Tuta absoluta* e mosca branca no tomate. A incidência das doenças e os ataques de pragas foram de baixa intensidade, tendo-se revelado eficazes os tratamentos realizados. Não foram identificados prejuízos além do normal.

### Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, registaram-se algumas ocorrências no início do mês, nomeadamente a presença de míldio e, pontualmente, focos de oídio. No final do mês, estas doenças encontravam-se controladas após os tratamentos. Em termos de pragas, foram observadas as primeiras cigarrinhas. Nas vinhas

para uva de mesa não foram identificadas ocorrências significativas, apenas a salientar alguns focos de oídio, que se encontravam sanados no final do mês.

Nas figueiras, não ocorreu a presença de pragas ou doenças de forma significativa.

Nas amendoeiras, as condições meteorológicas registadas, especialmente as temperaturas elevadas e o tempo seco, foram favoráveis ao bom estado fitossanitário da cultura, não tendo havido condições propícias ao desenvolvimento de fungos. No que respeita a pragas, verificaram-se ataques fortes de aranhão, piolhos, falso tigre e cigarrinha.

Nas noqueiras, não se identificaram problemas fitossanitários relevantes.

Os olivais tradicionais apresentavam um bom estado fitossanitário, não se registando ocorrências significativas de pragas ou doenças. Justificou-se assim, a não realização de tratamentos durante o mês de junho.

No milho de regadio, em geral não foram ao longo do mês verificadas ocorrências significativas. As pragas presentes no início do mês, em especial a lagarta desfolhadora, com o calor interrompeu a sua presença e verificou-se em geral uma menor pressão das pragas. Com a manutenção de calor, receia-se o surgimento de ácaros.

No feijão, foi identificada a presença de piolho, com muita intensidade. Embora os tratamentos realizados tenham permitido algum controlo da praga, verificou-se o reaparecimento e persistência da mesma.

No tomate para indústria, não se verificaram ocorrências com significado. Surgiram alguns focos de míldio, tendo sido os tratamentos eficazes e a doença estava controlada no final do mês.

Na cultura de girassol, no início do mês verificaram-se alguns focos de míldio, cuja disseminação cessou pelo efeito do calor.

## Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, em muitas parcelas, o pico do voo da segunda geração da traça da uva ocorreu no início do mês, tendo posteriormente sido efetuados tratamentos. No decurso do mês observaram-se sintomas de oídio nos cachos em várias áreas de campo e de charneca. Continuou a observar-se a presença de cigarrinha verde em algumas parcelas, sendo que, na generalidade, ainda não tinha sido atingido o Nível Económico de Ataque (NEA). As vinhas para uva de mesa, apresentavam em geral um bom estado fitossanitário. Com as temperaturas mais elevadas registou-se a presença de cicadelídeos. Foram realizados tratamentos que revelaram eficácia.

Os pomares de pessegueiros apresentavam um bom estado fitossanitário, sem ocorrências significativas.

Nos pomares de citrinos, em especial nas laranjeiras surgiram alguns ataques de ácaros nas árvores mais expostas ao sol, tal como previsto anteriormente. Nos pomares de clementina, verificou-se alguma presença de lagarta mineira, principalmente nos rebentos novos. Foram realizados tratamentos para o controlo destas pragas, verificando-se a eficácia dos mesmos com a extinção dos focos iniciais.

No amendoal e no nogueiral, não foram identificados problemas fitossanitários relevantes.

Nos olivais, não houve incidência de pragas ou doenças em níveis que justificassem intervenções, apresentando as árvores, em geral, um bom estado fitossanitário.

Na cultura do milho, verificaram-se ataques de sesamia (lagarta desfolhadora), que em algumas situações mais extremas obrigaram a ressementeiras. À semelhança dos anos anteriores, verificaram-se alguns problemas de nanismo, aparentemente com menor incidência este ano, sendo ainda prematuro avaliar a intensidade da doença. Até ao final do mês, a presença de javalis era menor do que no ano passado. Contudo, já ocorreram alguns ataques com estragos pontuais.

Na cultura do arroz, não se verificaram ocorrências significativas em termos de doenças e pragas. Registou-se uma forte presença de milhãs (*Echinochloa spp.*) e de arroz bravo. Verificou-se a presença pontual de javalis, com maior intensidade em algumas zonas, provocando danos. De assinalar ainda o aparecimento de aves (patos, gaivotas, ibis e flamingos), com danos no arroz mais jovem.

Nas culturas de feijão e de grão de bico não se registaram ocorrências de relevância.

Na cultura de tomate para indústria, o estado fitossanitário era em geral bom, tendo havido uma frequência de tratamentos menos exigente. Pontualmente surgiram focos de míldio e áreas afetadas por fungos de solo e bactérias. Os tratamentos foram realizados oportunamente e revelaram-se eficazes. Devido ao calor havia preocupação com o surgimento de ácaros.

Na cultura do girassol, foram identificados alguns focos de míldio no início do mês, mas com a subida da temperatura a pressão diminuiu.

Na cultura de melão, continuou a verificar-se a presença persistente de mosca branca, favorecida pelo tempo quente e seco. A praga atualmente representa o maior risco fitossanitário da cultura, por ser o vetor do vírus Nova Deli, o qual leva à morte das plantas. Para controlo da praga têm sido realizados tratamentos regulares evitando a sua disseminação. Com a subida das temperaturas houve uma forte pressão de ácaros (aranhão vermelho). O oídio e o míldio apresentaram pouca intensidade devido ao tempo quente e seco.

Na cultura da batata, não se verificaram problemas fitossanitários relevantes. Pontualmente, surgiram as doenças, alternaria e rizoctonia, esta última na fase inicial da cultura, que foram eficazmente controladas. A adoção de boas práticas de acompanhamento da cultura tem sido essencial para minimizar os impactos e preservar o potencial produtivo.

## Grande Lisboa

Nas vinhas em geral, o mês foi favorável ao desenvolvimento de doenças criptogâmicas. Em algumas vinhas observaram-se infeções secundárias de mildio, principalmente nas folhas, e condições propícias ao desenvolvimento do oídio, justificando a realização de tratamentos fitossanitários preventivos e curativos com elevada frequência. De um modo geral, os tratamentos foram efetuados atempadamente e revelaram-se eficazes, pelo que a incidência das doenças não originou prejuízos com expressão. No final do mês foi ainda assinalado o início da presença de cicadelídeos (cigarrinha verde), tendo sido necessária a realização de tratamentos específicos. Registou-se igualmente a presença pontual de traça da uva, sem impacto relevante na cultura.

Nas pomóideas em geral, observaram-se níveis de incidência médios a elevados de fogo bacteriano, enquanto a ocorrência de psilas na pereira e de pedrado e afídeos na macieira foi, de um modo geral, de intensidade baixa a moderada. Apesar da presença destes inimigos da cultura, a situação fitossanitária manteve-se globalmente controlada, com realização de tratamentos fitossanitários adicionais em alguns pomares.

Nos limoeiros, o mês foi favorável ao desenvolvimento de cochonilhas e ácaros, recomendando-se a monitorização destas pragas. Em contrapartida, as populações de traça dos citrinos mantiveram-se inferiores ao habitual para a época, situação atribuída à elevada precipitação registada durante o inverno.

Os olivais apresentaram um bom estado fitossanitário, não se tendo verificado problemas que justificassem a realização de tratamentos.

No milho, nas parcelas equipadas com rega gota-a-gota o combate às infestantes revelou-se mais exigente, em consequência da elevada disponibilidade de água no solo, que favoreceu o seu desenvolvimento. Foi ainda assinalada a presença pontual de javalis evidenciada por

pegadas nas parcelas, não se tendo, contudo, registado prejuízos relevantes na cultura.

No arroz, do ponto de vista fitossanitário não se registaram ataques de pragas ou doenças com relevância, embora se mantenha a preocupação quanto à eventual ocorrência de *Pyricularia oryzae* durante o próximo mês. Em contrapartida, verificou-se uma forte pressão de infestantes, com destaque para as milhãs (*Echinochloa* spp.), cuja gestão constitui um dos principais constrangimentos económicos da campanha, devido ao aumento significativo dos custos com herbicidas. Foram ainda assinalados danos localizados provocados por javalis, sem expressão significativa. A presença de aves, nomeadamente patos, corvos-marinhos e flamingos, causou prejuízos nas searas mais jovens, obrigando à ressementeira em algumas parcelas afetadas.

No tomate para indústria, a cultura apresentou ao longo do mês um bom estado sanitário. As populações das principais pragas, nomeadamente a lagarta do tomateiro, a traça do tomateiro (*Tuta absoluta*), afídeos, mosca branca e ácaros, mantiveram-se, de um modo geral, abaixo dos níveis de preocupação devido a uma monitorização contínua das parcelas e da realização atempada de tratamentos fitossanitários preventivos. Foram igualmente efetuados tratamentos preventivos contra mildio, oídio, alternariose e bacterioses, não se verificando condições meteorológicas favoráveis ao desenvolvimento significativo destas doenças. Em algumas explorações registaram-se focos localizados de fungos do solo, sem expressão relevante na generalidade da cultura. Foram registados danos pontuais provocados por javalis e corvos-marinhos nas fitas de rega, sem impacto significativo na produção global.

No pimento para indústria, foi efetuado o segundo tratamento contra a lagarta, mantendo-se a situação sob controlo e sem registo de problemas fitossanitários de relevo.

Na cultura do melão, registaram-se danos pontuais nos frutos provocados por roedores, nomeadamente texugos e ratos, estando prevista para o início de julho a implementação de medidas de controlo (instalação de ratoeiras) com vista à minimização dos prejuízos na cultura.

### Península de Setúbal

Na vinha, de um modo geral o estado fitossanitário no final do mês era considerado satisfatório, não se registando problemas generalizados com impacto significativo na produção. Ainda assim, verificaram-se focos localizados de algumas doenças e pragas, cuja evolução foi acompanhada através de tratamentos preventivos e monitorização regular, sendo ajustados em função das castas, da pressão dos agentes nocivos e das condições de cada exploração. De salientar a perceção por parte dos produtores de menor eficácia dos produtos fitofarmacêuticos atualmente disponíveis no mercado e as limitações decorrentes da redução do número de substâncias ativas homologadas, o que obriga, por vezes, à realização de tratamentos mais frequentes para manter um adequado nível de proteção das vinhas. O míldio foi a doença com maior expressão, favorecido pelas condições húmidas registadas na primavera. Os sintomas surgiram sobretudo em abril e maio, afetando maioritariamente a folha e, em alguns casos, os cachos, particularmente nas castas Moscatel e Castelão. Apesar da ocorrência de infeções pontuais, a doença encontrava-se globalmente controlada. Embora com danos localizados, existia preocupação quanto ao impacto que estas infeções poderão ter na produção final, especialmente no caso do Castelão, que representa uma parte significativa da área vitícola da região. Relativamente ao oídio, as manhãs húmidas favoreceram a criação de um microclima propício ao desenvolvimento da doença. Ainda assim, a pressão manteve-se limitada e sem consequências relevantes. A podridão negra (Black Rot) não registou situações relevantes, resultado da realização atempada dos

tratamentos preventivos, não tendo provocado danos significativos na área foliar nem comprometido a capacidade fotossintética das plantas. No que respeita às pragas, a traça da uva (*Lobesia botrana*) apresentou níveis de captura geralmente reduzidos. Foram realizados tratamentos preventivos, não se prevendo problemas relevantes. As temperaturas elevadas poderão ter contribuído para reduzir a viabilidade dos ovos. Foram igualmente monitorizadas populações de *Cryptoblabes gnidiella* (traça dos cachos), tendo sido registadas capturas elevadas em algumas vinhas, embora, de forma geral, os níveis observados tenham sido inferiores aos de campanhas anteriores. A cigarrinha verde começou a ser observada com maior frequência durante o mês, tendo sido identificadas populações em diversas castas. Foram realizados tratamentos, permitindo manter a praga sob controlo. Apesar disso, existe preocupação com a sua evolução, devido ao potencial impacto na redução da área foliar e, consequentemente, na diminuição de acumulação de açúcares nas uvas.

Nos pomares de pomóideas, no final do mês a situação fitossanitária era, em geral, favorável, não se registando problemas de grande relevância. A pressão de pragas e doenças manteve-se, de forma geral, baixa, permitindo assegurar um bom estado vegetativo nas culturas. Não foram registados problemas relevantes com afídeos, ácaros ou bichado, mantendo-se estas pragas em níveis pouco significativos.

Nas pereiras, a estenfiliose encontrava-se controlada, não tendo sido observados problemas significativos. Também o fogo bacteriano não apresentou desenvolvimento, mantendo-se sem expressão.

Nas macieiras, verificaram-se situações pontuais de pedrado, sobretudo na variedade Gala, com sintomas nos frutos que poderão traduzir-se numa redução da produção comercializável. Foi ainda assinalada a presença localizada de pulgão lanígero, controlada através dos tratamentos realizados. A mosca do Mediterrâneo começou a ser detetada tanto em pereiras

como em macieiras, embora com níveis de captura inferiores aos habitualmente observados para esta época do ano. A sua presença não suscitava ainda preocupações relevantes. De referir que a aplicação de caulino, utilizada na região em macieiras e em pereiras com a função de proteção contra o excesso de radiação solar, contribui também para reduzir a instalação de afídeos e psila, atuando como repelente.

No que diz respeito às tangerineiras, manteve-se a monitorização regular das principais pragas presentes. Verificou-se uma redução da incidência de pragas em comparação com o mês anterior, refletindo a eficácia das medidas de controlo implementadas e a evolução natural das condições ambientais. Em algumas parcelas continuou a ser observada a presença de cochonilha, embora com baixos níveis de infestação. Não se registaram prejuízos relevantes para a cultura, mantendo-se o estado fitossanitário globalmente satisfatório.

No amendoal, a situação fitossanitária era em geral favorável, registando-se apenas ocorrências pontuais de algumas doenças fúngicas, nomeadamente gomose, antracnose e moniliose, sem expressão significativa nem impacto relevante na cultura. No que respeita às pragas, foi detetada a presença de cigarrinha, embora ainda em níveis reduzidos. Relativamente a ácaros, poderão surgir a partir de meados de julho, mantendo-se a monitorização da cultura para uma eventual intervenção, caso os níveis de infestação o justifiquem.

No final do mês o milho grão apresentava um estado fitossanitário globalmente favorável, não se registando problemas relevantes de doenças. De salientar que no caso do milho para silagem a situação fitossanitária era semelhante à referida para o milho grão, não havendo diferenças relevantes na incidência de pragas e doenças. Nesta espécie, a principal preocupação ao longo do mês foi a prevenção das viroses associadas ao nanismo do milho, bem como o controlo de insetos vetores responsáveis pela sua transmissão. A incidência de nanismo apresentava-se inferior à observada na

campanha anterior, apenas se observando pontualmente algumas plantas de menor porte, nem sempre associadas à doença, podendo resultar de limitações na rega. Esta melhoria poderá estar associada, em parte, à menor presença da cigarrinha verde, considerada um importante vetor de transmissão do vírus responsável pelo nanismo. Assim, a monitorização e o controlo da cigarrinha assumiram particular importância nas zonas onde o milho é cultivado próximo de vinhas, como sucede em várias áreas da região. Os tratamentos devem ser realizados logo que se verifique aumento de voos do inseto e até à fase de "milho joelheiro". A lagarta desfolhadora apresentou alguma pressão durante a primeira quinzena de junho, mas os tratamentos efetuados permitiram controlar eficazmente a praga, não se observando, no final do mês, danos de expressão significativa. Relativamente aos javalis, verificou-se menor número de ocorrências face à campanha anterior, embora continuem a verificar-se ataques localizados. Para além dos prejuízos diretos causados pela destruição e acama das plantas, existe a preocupação com o efeito indireto de clareiras na cultura, que favorecem a entrada de luz e o desenvolvimento de infestantes, nomeadamente de *Datura stramonium* (figueira do inferno), planta altamente tóxica que provoca a contaminação perigosa da silagem de milho ou dos grãos destinados à alimentação humana e animal. Situação semelhante pode ocorrer em áreas afetadas pelo nanismo, onde a menor cobertura vegetal também facilita a instalação desta infestante.

Na cultura do arroz, a situação fitossanitária era, de forma geral, favorável, não se registando problemas relevantes com doenças fúngicas ou com piolhos. Nalgumas situações verificou-se a ocorrência de lagartas, tendo sido realizados tratamentos para o seu controlo. As infestantes constituíram um dos principais desafios. As mondas estavam, em geral, concluídas ou em fase de conclusão no final do mês, no entanto verificou-se elevada pressão de infestação e dificuldades no seu controlo. Esta situação poderá

dever-se ao desenvolvimento de resistências e à indisponibilidade de substâncias ativas mais eficazes para a cultura, por falta de homologação. A eficácia dos herbicidas foi insuficiente, verificando-se situações de fitotoxicidade no arroz sem controlo adequado das infestantes. Os javalis continuaram a ser um problema recorrente, embora em algumas áreas ainda não se tivessem registado ataques no final do mês. De salientar a presença de diversas aves, nomeadamente flamingos, íbis, garças, patos bravos e gansos, que provocaram danos por pisoteio e revolvimento da cultura, na procura de alimento.

Na cultura de tomate para indústria a situação fitossanitária era considerada favorável. A pressão de míldio manteve-se reduzida, com a doença sob controlo. Verificaram-se alguns focos de doenças de solo, essencialmente em parcelas com histórico. Relativamente a pragas, a *Tuta absoluta* não apresentava níveis de infestação preocupantes no final do mês, mantendo-se a monitorização regular das parcelas.

A campanha da batata precoce e de indústria decorreu sem problemas fitossanitários assinaláveis, registando-se uma reduzida incidência de míldio e de escaravelho da batateira, o que beneficiou a qualidade da batata colhida.



**Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior**

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, as espontâneas e as semeadas, apresentavam já muito pouca disponibilidade de alimento para os animais, tendo as

mesmas secado muito rapidamente devido à intensidade do vento registada ao longo do mês, que por vezes tem um efeito mais severo do que o calor. Com as plantas já muito secas, durante o mês foram realizados cortes de forragens para fenos, encontrando-se a maior parte cortados e enfardados no final do mês. No entanto, ainda se observavam no campo alguns fenos cortados por enfardar e bastantes fenos enfardados por recolher. Esporadicamente, nos campos de azevém semeados mais cedo, em outubro, foi possível realizar um segundo corte para fenos. No entanto, a regra foi o corte único em maio, para fenossilagem ou silagem, com áreas e rendimentos bastante menores do que o habitual e uma qualidade inferior. O autoaproveitamento de forragens de outono-inverno, foi muito menor na região este ano e a necessidade de compra de alimentos naturais conservados aumentou, tal como o preço dos mesmos, devido a uma menor disponibilidade no mercado e ao aumento dos custos de transporte. A aposta no milho para silagem e a antecipação das sementeiras de azevém no próximo outono enquadram-se na estratégia dos produtores pecuários da região para minimizar o efeito da diminuição das reservas de alimento natural conservado disponíveis para as espécies pecuárias.

Continuaram a decorrer sementeiras de milho para silagem e a instalação da cultura encontrava-se praticamente concluída no final do mês. A perspetiva geral é de uma boa produção, embora ainda falte bastante tempo até à colheita. O arranque da cultura correu muito bem, uma vez que as searas, que se encontravam em diferentes estados vegetativos de acordo com as datas de sementeira, apresentaram uma boa emergência e um bom afilamento. Nos campos mais adiantados, semeados em maio, foram realizadas sachas e adubações, encontrando-se as plantas com cerca de 1m de altura e bastante vigor. É previsível a colheita em setembro ou outubro. Não foram identificados constrangimentos de água para a cultura.

No final do mês, os animais com aptidão para carne, que se encontravam em pastoreio começaram a ser suplementados com fenos, devido à pouca oferta de

alimento nas pastagens. As condições de alimentação das espécies pecuárias estabuladas mantinham-se semelhantes a igual período do ano anterior, com o habitual equilíbrio entre alimentação natural conservada (fenos, silagem e fenossilagem) e rações industriais. A menor qualidade do azevém levou alguns produtores pecuários a reforçarem a alimentação com silagem de milho. Os custos de produção pecuária em junho permaneceram elevados, designadamente pelos preços elevados das forragens e da palha. O preço das rações industriais não aumentou, mas subiu o custo do transporte.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro no geral estão completamente secas, com as plantas em fim de ciclo vegetativo. Nos prados de regadio notava-se um abrandamento do crescimento em consequência dos dias de calor sentidos na região, contudo, com a floração regular nesta fase do ano.

Relativamente às culturas forrageiras estas encontravam-se em geral praticamente espigadas.

Quanto às condições de alimentação das espécies pecuárias, os bovinos em regime extensivo encontravam-se maioritariamente em pastoreio, a consumir os pastos secos e alguns prados de regadio, ainda sem disponibilização de outro tipo de alimentos. A recria encontrava-se a consumir silagens e alimento concentrado.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens de sequeiro encontravam-se secas. Em alguns prados de regadio foram realizados cortes de erva. A maior parte dos fenos encontravam-se colhidos e enfardados. Ao longo do mês realizou-se a recolha e armazenamento dos fardos.

As sementeiras de milho para silagem ficaram praticamente concluídas. As searas apresentavam bom desenvolvimento, encontrando-se bastante adiantadas,

prevendo-se uma antecipação na realização dos cortes. Pela baixa produção de forragens de outono-inverno, perspetiva-se algum aumento de áreas de milho para silagem de forma a compensar as necessidades de armazenagem de alimentos naturais conservados.

Os bovinos de raça Brava ainda se alimentavam nas tapadas que foram destinadas ao pastoreio direto, incluindo restolhos. Continuava a haver abundância de fenos, não sendo ainda necessário recorrer a outro tipo de alimentação. Os bovinos em regime extensivo, com aptidão para carne, encontravam-se em pastoreio e suplementados com fenos. Os animais estabulados, em especial com aptidão leiteira, mantinham os regimes alimentares habituais.

Na **Grande Lisboa**, o mês foi propício à secagem acelerada dos prados e pastagens.

Durante o mês concluiu-se o segundo corte para feno, cuja qualidade foi penalizada pela precipitação ocorrida, ainda que reduzida. Os fenos obtidos apresentaram predominância de gramíneas relativamente às leguminosas, em consequência da maior resistência das primeiras à asfixia radicular provocada pelo excesso de precipitação durante o inverno. Em termos qualitativos, foi inferior à da campanha anterior devido ao excesso de humidade no solo durante o período de crescimento. Apesar da reduzida incidência de infestantes na presente campanha, observou-se alguma presença de anafa nos fenos em geral. A produtividade da fenossilagem foi inferior à registada no ano anterior, embora com melhor qualidade nutricional, nomeadamente ao nível do teor de proteína. O corte e enfardamento da mistura de azevém e ervilhaca está previsto para o início de julho, estimando-se uma produtividade inferior ao habitual, em resultado do excesso de humidade do solo durante o inverno e do atraso nas operações culturais. Para o mês de julho prevê-se a realização de aplicações de chorume nas parcelas agrícolas.

Relativamente à alimentação do efetivo pecuário em regime extensivo, verificou-se uma menor disponibilidade de alimento natural comparativamente a igual período do ano anterior, o que determinou um maior recurso à suplementação com feno e fenossilagem. Contudo, não foi ainda necessário recorrer à utilização de alimentos compostos.

Na **Península de Setúbal**, no final do mês as pastagens apresentavam-se mais secas, refletindo a evolução normal da estação. Em situações mais favoráveis, continuavam a disponibilizar quantidade suficiente de alimento para manter o pastoreio do efetivo bovino e ovino. No entanto, em muitas áreas de pastagens prevê-se um decréscimo acentuado da disponibilidade de alimento, sobretudo nas áreas não regadas.

O corte de pastagens espontâneas apresentou boa produtividade ao longo da primavera. A maior parte da área foi cortada em abril e em maio, para produção de fenossilagem destinada a autoconsumo nas explorações pecuárias. Neste mês concluíram-se os cortes para produção de fenossilagem e de feno.

Relativamente às forrageiras de cultura outono-invernal, devido às chuvas prolongadas, o primeiro corte foi, em muitos casos, inviabilizado, tendo várias parcelas produzido apenas um corte. Esta redução da disponibilidade de forragem para alimentação animal durante o inverno aumentou a necessidade de recorrer às culturas forrageiras de primavera-verão, nomeadamente ao milho para silagem.

No final do mês o desenvolvimento do milho para silagem era semelhante ao observado no milho grão, uma vez que ambas foram, de forma geral, semeadas no mesmo período. As plantas apresentavam bom desenvolvimento vegetativo, com as preocupações relativamente às temperaturas elevadas e à necessidade de assegurar uma rega adequada durante as fases críticas do ciclo. No caso do milho destinado a silagem, a qualidade final depende essencialmente do

equilíbrio entre o desenvolvimento da maçaroca, responsável pelo fornecimento de amido através do grão, e a qualidade da fibra produzida pela planta. Assim, a definição da data de corte procura otimizar este equilíbrio, garantindo o valor nutritivo da silagem. A colheita do milho para silagem está prevista entre o final de agosto e o início de setembro. Na região, estima-se que cerca de 70% da área de milho se destine à produção de silagem, enquanto aproximadamente 30% corresponde a milho grão. Relativamente à erva do Sudão, a cultura desempenha um papel complementar ao milho para silagem nas rotações de primavera-verão, proporcionando uma forragem com características nutricionais distintas. Enquanto na silagem de milho a principal fonte energética é o grão, na erva do Sudão o interesse incide sobretudo na produção de massa folear. Assim, privilegiam-se cortes mais precoces, de forma a obter uma forragem com maior proporção de folhas, menor teor de celulose, maior digestibilidade da fibra e um teor proteico mais elevado, características particularmente valorizadas na alimentação animal, constituindo uma cultura forrageira de grande importância na estratégia alimentar das explorações pecuárias. Na região as sementeiras decorreram durante os meses de maio e junho, destinando-se a produção quer ao corte para conservação, quer ao pastoreio direto. A colheita deverá ocorrer em agosto.

Nas condições mais favoráveis que permitiram o aproveitamento direto das pastagens, a suplementação alimentar ainda não tinha sido iniciada, mantendo-se os animais exclusivamente em pastoreio. Caso as condições o permitam, a suplementação apenas será iniciada em setembro ou mesmo em outubro.



## Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono- invernal

No **Oeste**, o trigo semeado em outubro e novembro, tinha já atingido a maturação dos grãos, encontrando-se pronto para colher. Devido às humidades causadas pelas neblinas e alguma precipitação na última semana, a colheita não se realizou. Decorrerá no início de julho devido à previsão de tempo quente e seco nesse período. O trigo semeado em março encontrava-se já espigado. Algumas searas apresentavam plantas já secas, mas os grãos não tinham ainda atingido a maturação de colheita, encontrando-se ainda macios, e noutras, as plantas encontravam-se ainda verdes. No trigo semeado em outubro e novembro, perspetiva-se uma produtividade boa, próxima de um ano normal e superior ao ano anterior. O trigo semeado em março apresentava plantas mais baixas, mas com boas espigas, prevendo-se um nível de produtividade semelhante ou ligeiramente menor do que o semeado em outubro e novembro. Em termos de balanço, na região, a área de produção foi muito menor do que no ano anterior e a produtividade será melhor.

A cevada (semeada em março) apresentava as espigas já formadas, mas havia ainda muita humidade nas plantas, encontrando-se muitas ainda verdes. Prevê-se que a colheita decorra no final de julho ou início de agosto, estimando-se uma produtividade semelhante à de um ano normal e superior à verificada no ano anterior.

No **Médio Tejo**, ao longo do mês decorreu a colheita das culturas cerealíferas, em condições regulares. Em especial as culturas de trigo mole e aveia no final do mês encontravam-se praticamente colhidas. Verificava-se uma boa qualidade dos grãos. Os grãos de trigo mole apresentavam excelentes parâmetros de qualidade para panificação. Verificava-se uma produtividade superior à registada no ano anterior, em resultado das condições climáticas verificadas nos últimos meses, que foram

muito favoráveis ao desenvolvimento das culturas, bem como da reduzida pressão fitossanitária. Estas condições proporcionaram um bom enchimento dos grãos e contribuíram para a obtenção de valores muito favoráveis de peso específico dos mesmos. As searas de cevada encontravam-se preparadas para a colheita, tendo sido já iniciada em alguns campos no final do mês. Estima-se nesta fase uma melhor produtividade comparativamente ao ano anterior.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as culturas cerealíferas encontravam-se prontas para a colheita, tendo a mesma já sido iniciada. Embora muitas searas tenham sido penalizadas com o excesso de água no solo, as situadas em zonas mais altas e que persistiram, registaram um bom desempenho. Perspetiva-se uma produtividade média semelhante ao ano anterior, em resultado da heterogeneidade das searas.

Na **Grande Lisboa**, no final do mês a cevada encontrava-se ainda em fase anterior ao espigamento, em consequência da instalação tardia da cultura, cuja sementeira apenas ficou concluída no final da terceira semana de maio. A área semeada foi inferior à registada na campanha anterior, tendo a opção pela sua instalação sido determinada pela disponibilidade de semente previamente adquirida e pela resiliência dos produtores em assegurar a continuidade da cultura, apesar das condições económicas desfavoráveis verificadas.

Na **Península de Setúbal**, a cultura do tritcale apresentava bom desenvolvimento e sem problemas fitossanitários, prevendo-se que a colheita seja efetuada a partir de julho. Prevê-se uma produção inferior à obtida na campanha anterior.



**Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, pomares de citrinos e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto; produção quanto a aspetos de qualidade e quantidade**

## Vinha

No Oeste, as vinhas de uva para vinho apresentavam um desenvolvimento vegetativo acentuado, fruto das reservas hídricas que ainda existiam no solo. Em termos fenológicos, a maior parte das castas encontravam-se entre os estados K – Bago de Ervilha e L – Cacho Fechado. As castas mais adiantadas no ciclo eram a Fernão Pires e a Seara Nova, nas uvas brancas, e a Caladoc, nas uvas tintas. Pela observação das vinhas, perspetiva-se que na região haja um aumento significativo de produtividade comparativamente ao ano anterior. Devido aos tratamentos realizados para proteção da vinha, não havia registo de ocorrências que colocassem em causa a cultura. Salienta-se, contudo, que até à colheita a vinha ainda se encontra sujeita a muitas condicionantes que irão definir a produtividade e a qualidade.

As vinhas de uva de mesa apresentavam igualmente um desenvolvimento vegetativo acentuado. No final do mês as variedades mais adiantadas, como a Sugraone e a ARRA 30 (uvas brancas sem grainha), encontravam-se maioritariamente no estado fenológico L – Cacho Fechado. Em geral observava-se uma boa quantidade de cachos, estimando-se uma maior produtividade comparativamente ao ano anterior.

No Médio Tejo, as vinhas para vinho apresentavam um bom estado vegetativo e encontravam-se a terminar o enchimento dos cachos, predominantemente na fase fenológica L – Cacho Fechado. Nas castas mais precoces já se notavam alguns bagos a pintarem, a iniciarem a fase fenológica M – Pintor. Estima-se um bom ano de produção, quer em termos de quantidade quer de

qualidade, parâmetro este que até ao momento parece acompanhar a quantidade.

As vinhas para uva de mesa encontravam-se no final do mês em bom estado vegetativo e a iniciar o estado fenológico M – Pintor, perspetivando-se o início da colheita a meados de julho. No decurso do mês, mantiveram-se condições excelentes para a cultura quer em termos climatéricos quer fitossanitários, estimando-se um aumento da produtividade comparativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as vinhas para vinho apresentavam-se em bom estado e com um ligeiro adiantamento do ciclo vegetativo. A floração e o vingamento correram bem e resultaram numa boa produção de cachos. As vinhas encontravam-se maioritariamente entre os estados fenológicos L – Cacho Fechado e M – Pintor. Perspetiva-se um aumento de produtividade, ainda com imprecisão, pela previsão de tempo quente no início de julho e eventual efeito de escaldão.

As vinhas para uva de mesa apresentavam-se igualmente em bom estado. As variedades mais precoces (Sugraone e ARRA 30) encontravam-se no estado fenológico L – Cacho Fechado. Estima-se um aumento de produtividade comparativamente ao ano anterior, atendendo à boa quantidade de cachos.

Na Grande Lisboa, durante o mês a cultura da vinha para vinho apresentou um bom desenvolvimento vegetativo na generalidade da região, favorecido pela disponibilidade hídrica no solo e pelas temperaturas amenas. A maioria das castas evoluiu do estado fenológico K – Bago de Ervilha para L – Cacho Fechado, observando-se, nas castas mais precoces, como a Tinta Roriz e, em menor grau, a Castelão, o início do estado M – Pintor. De um modo geral, as vinhas apresentavam elevado potencial produtivo, com boa carga de cachos e cachos de grande dimensão, estimando-se, em algumas explorações, um aumento da produtividade

relativamente à campanha anterior. Apesar do bom estado vegetativo das vinhas, perspetiva-se a necessidade de acompanhar atentamente a evolução das condições meteorológicas durante o mês de julho, face ao risco de ocorrência de escaldão associado às temperaturas elevadas previstas.

A cultura da vinha para uva de mesa durante o mês apresentou uma evolução fenológica globalmente dentro do esperado, mantendo um bom estado vegetativo e fitossanitário. No final do mês, a maioria das variedades encontrava-se no estado fenológico de L - Cacho Fechado, verificando-se, na casta Red Globe, o início do estado M - Pintor, enquanto a variedade Vitória, instalada em vinhas mais jovens, apresentava um desenvolvimento compatível com a época, entre os dois estados fenológicos atrás mencionados.

Na Península de Setúbal, no final do mês o estado geral das vinhas para vinho apresentava bom desenvolvimento vegetativo e fitossanitário, perspetivando-se um ano relativamente calmo e com potencial produtivo superior ao da campanha precedente. No final do mês o desenvolvimento fenológico encontrava-se, de um modo geral, dentro do normal para a época, sem adiantamento ou atraso significativo do ciclo vegetativo. Verificaram-se diferenças entre castas, com a maioria das vinhas, nomeadamente da casta Fernão Pires, no estado L - Cacho Fechado e pontualmente a iniciar o estado M - Pintor. O Moscatel mantinha-se, de forma geral, ligeiramente mais atrasado. Em algumas castas mais precoces e em parcelas específicas começavam a surgir os primeiros sinais de M - Pintor. Prevê-se que esta fase se inicie de forma mais global nos princípios de julho e se generalize na vinha ao longo do mês. A mostra de cachos apresentava-se, de forma geral, elevada, traduzindo-se em boas perspetivas de produção em termos de quantidade, globalmente idênticas ou superiores às da campanha anterior. Contudo, a qualidade da colheita dependerá da evolução das

condições meteorológicas e do desenvolvimento da maturação nas semanas seguintes. A previsão da vindima aponta para a primeira quinzena de agosto.

### Pomóideas

No Oeste, no final do mês os pomares de pera Rocha apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se no estado fenológico J - Frutos em Desenvolvimento, com crescimentos acima de 40mm. Com as temperaturas muito elevadas previstas para o início de julho, perspetiva-se um abrandamento no ritmo de crescimento dos frutos. Prevê-se um aumento significativo de produtividade comparativamente ao ano passado. A perspetiva de mais produção resulta de não ter havido grandes problemas fitossanitários, designadamente da menor intensidade de fogo bacteriano e de estenfiliose, mas a previsão poderá alterar-se até à colheita, que deverá iniciar-se na primeira semana de agosto, caso aumente a incidência destas doenças, que constituem atualmente os principais problemas sanitários da cultura.

Os pomares de maçã encontravam-se igualmente no estado fenológico J - Frutos em Desenvolvimento, cujo ritmo de crescimento também poderá abrandar com as temperaturas elevadas previstas para o início de julho. Nas macieiras dos grupos Fuji, Reineta e Golden, a produtividade deverá ser menor do que no ano anterior, idêntica no grupo Gala, variedade mais produzida na região, e um pouco superior no grupo RegalYou, dependendo também da incidência do fogo bacteriano, que apresenta maior intensidade este ano nos pomares de macieiras, bem como do efeito de episódios meteorológicos, como o calor extremo previsto para o início de julho, que poderá causar perda de frutos por escaldão.

Na Grande Lisboa, durante o mês as pomóideas apresentaram, de um modo geral, um bom desenvolvimento vegetativo e um rápido crescimento

dos frutos, favorecidos pela temperatura e pela adequada disponibilidade hídrica no solo, encontrando-se a maioria dos pomares no estado fenológico J - Frutos em Desenvolvimento. A precipitação registada no final do mês em algumas zonas da região, contribuiu para o aumento do calibre dos frutos, sobretudo nos pomares de sequeiro. No final do mês, os pomares apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se as culturas em fases de intenso desenvolvimento dos frutos. Relativamente às perspetivas de produção, prevê-se, na pereira, um aumento da produtividade face à campanha anterior, enquanto na macieira se estima uma produção semelhante à registada em 2025.

Na Península de Setúbal, no final do mês, as macieiras e pereiras apresentavam um estado vegetativo e produtivo considerado normal, mantendo-se boas perspetivas para a campanha. Nas pereiras, o estado dos frutos era muito satisfatório, enquanto nas macieiras o escaldão externo observado no mês anterior revelou uma expressão residual, sem impacto na produção. Relativamente à colheita, deverá ocorrer no final de julho na maçã e no início de agosto na pera, sendo que na maçã RegalYou, está prevista para o final de setembro. No entanto, as datas de colheita estarão dependentes da evolução da maturação dos frutos, bem como dos resultados das análises de controlo. As perspetivas de produção apresentavam-se favoráveis, no entanto, e como referido anteriormente, as condições climáticas extremas previstas para o mês de julho levantam alguma reserva na qualidade e quantidade de frutos colhidos, devido a danos internos que possam ocorrer nesse período.

### Prunóideas

No Oeste, nos pomares de ameixeiras e de pessegueiros, as variedades mais precoces encontravam-se em colheita e as mais tardias no estado fenológico J - Frutos em Desenvolvimento. Prevê-se um ano com

bastante quantidade de ameixa e um ano normal de produção de pêsego, com produtividades superiores ao ano anterior. Os frutos apresentavam bons calibres e boas qualidades organoléticas.

No Médio Tejo, em resultado das condições meteorológicas, os pomares de pessegueiros tiveram na generalidade das variedades uma antecipação da maturação dos frutos, com o início da colheita nas variedades mais precoces na segunda quinzena de maio. A mesma decorreu de forma escalonada e no final de junho encontrava-se praticamente terminada. Os frutos no geral apresentaram uma boa qualidade e a produtividade foi superior comparativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pêsegos e as ameixas encontravam-se em colheita. Em geral, estima-se uma produtividade semelhante ou um pouco superior comparativamente ao ano anterior.

Na Grande Lisboa, durante o mês as ameixeiras iniciaram a maturação dos frutos das variedades temporãs, observando-se uma evolução fenológica compatível com a época. Os frutos apresentavam boa qualidade organolética e um bom estado fitossanitário, não se tendo registado problemas relevantes que comprometessem a produção.

Na Península de Setúbal, as elevadas temperaturas registadas no final de maio, que provocaram alguns casos pontuais de escaldão externo nas ameixas, não comprometeram o potencial produtivo da cultura. A colheita teve início no final de maio com a variedade precoce Red Beauty, decorreu a partir de meados deste mês e está previsto que decorra até agosto.

## Figueiras

No Médio Tejo, as variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine, com a maturação dos frutos decorrida ao longo do mês, apresentavam a colheita concluída no final de junho. A colheita dos figos lampos verificou-se antecipada em cerca de um mês comparativamente ao período habitual. Estima-se que a produção de figos lampos tenha sido superior à de um ano normal, o que provocou constrangimentos na comercialização e no preço, devido ao figo ser um produto muito perecível com fraco poder de conservação em frio. A qualidade dos figos lampos foi boa, quer em calibre quer em teor de açúcar total. Os figos vindimos estavam em desenvolvimento. Em especial, na variedade pingo de mel era expectável uma antecipação da maturação devido ao calor.

Na Grande Lisboa, prosseguiu a colheita de figo que decorreu em condições favoráveis. A cultura apresentava um bom estado fitossanitário, não se registando problemas relevantes. Relativamente à campanha anterior, perspetiva-se um aumento da produção.

## Citrinos

No Oeste, os pomares de limão continuavam a apresentar um bom desenvolvimento vegetativo. Com a subida das temperaturas houve necessidade de intensificar a rega, para a qual não se identificaram constrangimentos. Os pomares apresentavam frutos em desenvolvimento resultantes da floração de primavera. Nas árvores ainda havia frutos maduros e frutos em desenvolvimento dos ciclos produtivos anteriores. Durante o mês realizaram-se algumas colheitas de limão.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se em bom estado e com os novos frutos em desenvolvimento.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall), apresentavam um estado vegetativo razoável. Durante o mês observaram-se algumas rebentações novas nos pomares, em resposta à rega e adubação. Apesar da boa expectativa devido à floração abundante em abril, verificou-se um acentuado June Drop durante o mês, que causou uma grande perda de frutos pequenos e de frutos já com razoável dimensão, baixando a expectativa de produtividade para o nível de um ano normal.

Na Grande Lisboa, a maioria dos limoeiros encontravam-se na fase final da floração, mantendo um bom desenvolvimento vegetativo. Os frutos colhidos apresentaram, contudo, defeitos epidérmicos resultantes dos episódios de vento forte ocorridos durante o inverno, mas que não tiveram reflexos significativos no desenvolvimento interno dos frutos.

Na Península de Setúbal, no final do mês os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento. A colheita deverá ocorrer a partir de setembro.

Os pomares de tangerineiras de um modo geral, apresentavam desenvolvimento homogéneo, com bom vigor vegetativo e na fase de crescimento do fruto, em evolução normal para a época. Ao longo do mês ocorreu o aumento progressivo do calibre dos frutos, acompanhado pela continuação do desenvolvimento da copa e da emissão de novos lançamentos vegetativos, sobretudo nas plantações mais jovens.

## Amendoal

No Médio Tejo, os pomares de amendoeiras apresentavam-se na fase final do seu ciclo, com o enchimento do miolo e na fase de pré-colheita. A produtividade estima-se ser bastante superior à do ano

anterior, facto que se nota desde o início da floração e vingamento. Contudo essa expectativa de produtividade alta é menor nos pomares localizados a montante do concelho de Constância, cujas faltas de água no rio Tejo impediram a rega e promoveram situações de *stress* hídrico, mais agravadas especialmente nas árvores com volumes de copa maiores.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares encontravam-se na fase final de desenvolvimento dos frutos e endurecimento da casca (endocarpo), preparando-se para a fase de maturação que decorrerá no próximo mês. A colheita está prevista iniciar-se a meio de agosto. Devido à boa carga de frutos nos pomares que não foram afetados pelas cheias e caso não surjam adversidades, estima-se uma produtividade superior comparativamente ao ano anterior.

Na Península de Setúbal, o amendoal apresentava um desenvolvimento normal para a época, em fase de maturação, com o fruto em estado sólido. As perspetivas de produção são ligeiramente mais favoráveis do que as da campanha anterior, embora a produção prevista continue a ser insuficiente para compensar o aumento dos custos de produção. A colheita mantém-se prevista para o mês de setembro.

### Nogueiral

No Médio Tejo, as nogueiras encontravam-se com os frutos em crescimento e diversas dimensões. Esta diferenciação observada nos pomares resultou da heterogeneidade da rebentação das árvores que pode ter sido causada por um inverno ameno (poucas horas de frio) e pelo efeito das cheias ocorridas no início de fevereiro.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a cultura apresentava frutos em crescimento, com vários tamanhos, em resultado de ter havido uma heterogeneidade da rebentação das árvores, que poderá ter sido causada pela falta de horas de frio acumuladas e pelas cheias, como já referido anteriormente.

### Olival

No Oeste, observou-se o desenvolvimento dos frutos na maior parte das variedades e no final do mês registava-se o início do endurecimento do caroço das azeitonas. Nas variedades ou nas parcelas em que decorreu uma floração precoce, verificou-se uma quantidade significativa de frutos partenocárpicos (azeitonas que se desenvolvem sem fecundação e que são geralmente mais pequenas, com forma achatada e sem caroço ou semente viável), devido às condições e variações edafoclimáticas desfavoráveis registadas na fase da floração e do vingamento, como *stress* térmico, frio e humidade excessiva, que provocaram dificuldades na polinização e/ou na fecundação. Os frutos partenocárpicos não têm valor comercial e tendem a cair precocemente. No entanto, o estado de desenvolvimento da cultura não permite ainda uma estimativa da quantidade e da qualidade esperada da azeitona.

No Médio Tejo, os olivais tradicionais durante o mês, na maioria das variedades desenvolveu os seus frutos, verificando-se os últimos estados fisiológicos de formação da sua semente. No final do mês registou-se o início da lenhificação dos tecidos do endocarpo.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês verificou-se o desenvolvimento dos frutos. Nos últimos dias iniciou-se o processo de endurecimento do caroço, caracterizado pela lenhificação dos tecidos do endocarpo. Se as condições continuarem a permitir o

bom desenvolvimento dos frutos, espera-se que os olivais de sequeiro tenham uma boa produção, embora inferior à do ano anterior. Nos olivais de regadio, espera-se uma produção semelhante à do ano anterior.

Na Grande Lisboa, o olival apresentou um bom estado vegetativo. A generalidade das variedades encontrava-se nas fases finais de formação da semente, observando-se, no final do mês, o início da lenhificação do endocarpo.

### Mirtilo

No Médio Tejo, nos pomares de mirtilo (variedades Duke e Misty) a colheita decorreu com regularidade, tendo ficado concluída neste mês. Em termos quantitativos, obteve-se uma produção inferior ao expectável, uma vez que a precipitação intensa ocorrida durante a fase de floração comprometeu significativamente o potencial produtivo da cultura. A qualidade e o calibre dos frutos foram, no entanto, considerados bons. Nos sistemas de produção no solo, em camalhão, após a colheita iniciaram-se as operações de limpeza dos solos e controlo de infestantes.

Na Península de Setúbal, a colheita iniciou no princípio de maio, tendo decorrido até final de junho, com valores de produção superiores à campanha anterior, face à entrada em produção de novas áreas.



**Sementeira de Primavera, nomeadamente quanto às culturas de Milho de regadio e Feijão; como decorreram, como germinaram; variação das áreas semeadas ou plantadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação caso se tenha verificado. Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio; disponibilidades de água para rega**

### Milho de regadio

No Médio Tejo, as sementeiras de milho de regadio decorreram com alguma normalidade, encontrando-se concluídas. Nas últimas sementeiras a germinação ocorreu com normalidade. Em geral a cultura denotava um estado vegetativo razoável, encontrando-se a cultura predominantemente na fase da floração e os campos mais avançados a iniciar a fase de enchimento do grão. Relativamente às temperaturas extremas existe receio sobre o efeito na floração, contudo só mais tarde poderá ser avaliado o impacto na produtividade. Nas áreas com a cultura mais avançada, algumas plantas evidenciavam abortamento do grão. Na região verificou-se uma redução de áreas semeadas comparativamente ao ano anterior. Ainda é cedo para uma estimativa da produtividade da cultura nesta campanha comparativamente ao ano anterior. Em geral, houve boa disponibilidade de água para a rega da cultura.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as sementeiras de milho realizadas durante o mês decorreram bem e encontravam-se praticamente concluídas. O milho por semear é essencialmente de variedades de ciclo curto. A germinação foi regular. As sementeiras mais recentes apresentavam melhor desenvolvimento do que as primeiras, que foram instaladas no início de maio, justificando-se a situação pelas temperaturas ainda baixas ocorridas nesse período que foram limitantes para o desenvolvimento das plantas, o qual decorreu de forma muito lenta. No final do mês a cultura apresentava um bom estado vegetativo, encontrando-se o milho em

vários estádios. Numas searas o milho estava joelheiro, noutras pela cintura, outras com plantas a desenvolver folhas e as mais adiantadas no início da floração. Não houve limitação de água para a cultura. Estima-se uma descida de área face ao ano anterior. Algumas áreas da cultura foram substituídas por girassol devido à perspetiva de preços baixos no milho.

Na Grande Lisboa, ficaram concluídas as sementeiras que haviam sido iniciadas no final de abril. As culturas instaladas mais precocemente apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, encontrando-se, no final do mês, em fase de embandeiramento, enquanto as sementeiras mais tardias, efetuadas durante o mês de maio, evidenciavam ainda um desenvolvimento vegetativo reduzido, embora com bom vigor. Ao longo do mês prosseguiram as fertilizações e as operações de controlo de infestantes. Subsistem preocupações quanto à rentabilidade da campanha, em virtude da manutenção dos baixos preços pagos ao produtor, o que poderá comprometer a cobertura integral dos custos de produção.

Na Península de Setúbal, as sementeiras decorreram maioritariamente entre meados de abril e meados de maio, tendo-se prolongado nalgumas situações até ao final deste mês e permanecendo ainda alguma área por semear, que só deverá estar concluída em meados de julho, devido ao prolongamento da campanha da batata e da sua colheita tardia. Esta situação levou ao atraso na instalação da cultura, sendo que alguns produtores optaram por não a realizar, deixando parcelas em pousio. Na região, estima-se uma redução da área semeada relativamente à campanha anterior. Apesar de ter ocorrido um arranque lento após a sementeira, pelas temperaturas relativamente baixas registadas no início do ciclo, ao longo das semanas seguintes a cultura recuperou significativamente o atraso inicial, encontrando-se no final do mês e em geral, em boas condições e desenvolvimento. Devido às diferentes

datas de sementeira, observava-se uma grande variabilidade nas fases de desenvolvimento da cultura. Assim, as parcelas de sementeiras mais precoces encontravam-se na fase de embandeiramento ou já em início de floração, enquanto as mais tardias apresentavam entre quatro e seis folhas, prevendo-se o espigamento e a floração para meados ou finais de julho. As previsões de colheita variavam em função da data de sementeira e do ciclo utilizado, apontando-se, de forma geral, para o final de setembro e outubro, podendo nalgumas parcelas mais tardias prolongar-se até novembro. Apesar do bom estado geral da cultura, o contexto económico continua a suscitar preocupação. Os preços do milho permanecem baixos, fortemente condicionados pelos mercados internacionais, enquanto muitos dos fatores de produção, nomeadamente combustíveis e produtos fitofarmacêuticos, foram adquiridos quando os preços se encontravam elevados, reduzindo a rentabilidade esperada da campanha.

### Feijão

No Oeste, as searas apresentavam plantas com vagens de feijões já desenvolvidos e algumas já estavam a começar a secar. A quantidade de vagens observadas por planta, permite estimar uma produtividade dentro dos valores médios para a região, superior ao ano anterior. As temperaturas elevadas que se preveem na primeira semana de julho poderão prejudicar a qualidade do feijão. Os feijões encontravam-se desenvolvidos, mas ainda com bastante humidade e o calor pode provocar o surgimento de grãos murchos (incapacidade da planta em deslocar adequadamente os açúcares).

No Médio Tejo, as primeiras sementeiras (realizadas no princípio de abril) revelaram uma germinação deficiente e muitas das plantas vingadas acabaram por definhar. Ocorreram novas sementeiras no final de maio, cuja germinação se deu regularmente. A cultura encontrava-

se no final do mês em bom estado e a entrar na floração. Estima-se a manutenção das áreas semeadas relativamente ao ano precedente. Ao longo do mês houve disponibilidade de água para a cultura.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, o feijão semeado no início do mês, um pouco mais tarde do que o habitual, encontrava-se em pleno estado de desenvolvimento vegetativo, prevendo-se a fase de floração em agosto.

### Arroz

No Oeste, a instalação do arroz foi iniciada com um atraso significativo devido à inundação dos campos. As sementeiras decorreram entre a última semana de abril e a segunda semana de junho. A cultura enfrentava dificuldades na germinação e no desenvolvimento das plantas devido à forte presença de infestantes. A competição entre infestantes e arroz, por nutrientes e espaço, estava a causar algum atraso na cultura, que apresentava por isso um desenvolvimento mais lento. As plantas mais adiantadas encontravam-se com 6 a 7 folhas. Durante o mês houve boa disponibilidade de água para a cultura.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as sementeiras foram concluídas na segunda metade do mês e decorreram com normalidade. A germinação foi boa e homogénea, embora algumas searas apresentassem pequenas falhas localizadas, sem impacto significativo. As searas mais adiantadas, semeadas em abril, encontravam-se na fase do emborrachamento. No entanto a maior parte das searas apresentavam plantas com quatro folhas. Devido ao estado fenológico da cultura no final do mês, não era ainda possível qualquer perspetiva de produtividade e qualidade da produção. Em geral, a disponibilidade de água foi adequada ao normal desenvolvimento da cultura, embora tenham

sido identificadas algumas situações de maior limitação.

Na Grande Lisboa, as searas de arroz apresentaram uma evolução globalmente favorável. No final do mês ficaram concluídas as sementeiras que decorreram, de um modo geral, dentro do calendário previsto para cada parcela. A área instalada na presente campanha é superior à da campanha anterior, embora algumas parcelas tenham permanecido em pousio regenerativo. A disponibilidade de água para a cultura revelou-se adequada, após a conclusão, no mês de maio, das intervenções de reabilitação do canal do rio Sorraia que inicialmente condicionaram o fornecimento de água. A germinação foi, de um modo geral, boa e homogénea, verificando-se apenas pequenas falhas localizadas, sem impacto significativo. No final do mês, as searas mais precoces encontravam-se na fase de encanamento. Atendendo ao estado de desenvolvimento da cultura, ainda é prematuro proceder à avaliação do potencial produtivo da presente campanha.

Na Península de Setúbal as sementeiras de arroz tinham-se iniciado no princípio de maio e terminaram maioritariamente durante a primeira quinzena deste mês, encontrando-se assim as parcelas em diferentes estados de desenvolvimento. No final do mês as sementeiras mais tardias apresentavam-se no estágio entre uma folha e em afilhamento, enquanto as mais precoces já se encontravam em pleno afilhamento, com plantas entre 20cm e 30cm de altura e com bom vigor vegetativo. De um modo geral, o desenvolvimento da cultura era considerado satisfatório, embora em algumas parcelas a emergência tivesse sido irregular. A floração deverá ocorrer em agosto.

## Grão de Bico

Na Lezíria do Tejo, onde se concentra a produção de grão de bico, as searas mais adiantadas, instaladas em março, encontravam-se praticamente prontas a colher. As mais tardias encontravam-se em floração. A emergência muito heterogênea registada nas searas mais adiantadas e os problemas de floração e abortamento floral nas searas mais tardias, provocados pelas temperaturas elevadas no final do mês, poderão condicionar as perspetivas de produtividade.

## Tomate para indústria

No Oeste, a instalação da cultura ficou concluída durante o mês. Nas searas mais adiantadas observavam-se plantas bastante vigorosas e com frutos vingados. Nos últimos campos instalados as plantas encontravam-se ainda pequenas. O estado vegetativo da cultura era normal para a época. Não foram identificadas limitações de água para a cultura.

No Médio Tejo, as primeiras plantações de tomate para indústria encontravam-se na fase de maturação, prevendo-se a colheita para o final de julho. As searas mais tardias encontravam-se na floração. A cultura apresentava um bom desenvolvimento vegetativo, mantendo-se a floração e vingamento em situação regular. De forma a manter essas boas condições, houve necessidade de rega intensificada nos períodos de maior calor. Estimava-se uma produtividade dentro do padrão, pese embora nesta fase seja ainda cedo para avaliar o efeito das temperaturas elevadas na floração e vingamentos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as plantações foram concluídas no início da segunda semana. O ano permitiu trabalhar a instalação da cultura de acordo com o planeado, tendo sido realizadas em abril e maio a maior parte das plantações. Nas searas mais adiantadas

já se observavam os primeiros frutos vermelhos. As que foram plantadas no final de maio e início de junho estavam na fase de vingamento. Em geral, a cultura apresentava bom desenvolvimento vegetativo e bons vingamentos. Apesar das boas perspetivas de produtividade, receava-se o impacto das temperaturas elevadas na floração e vingamentos, bem como no escaldão dos frutos. Estas condições do tempo poderão antecipar um pouco o ciclo da cultura, prevendo-se o início da colheita no final de julho ou início de agosto. No final do mês não havia limitações na disponibilidade de água para rega. A instabilidade dos mercados devido ao conflito no médio Oriente, causou a subida dos preços nos adubos, agroquímicos e combustível que poderá ter um impacto entre 4% e 6% na conta de cultura face ao previsto no momento de contratação com a indústria.

Na Grande Lisboa, no início do mês ficou concluída a instalação da cultura do tomate para indústria, tendo as plantações decorrido, de um modo geral, dentro do calendário previsto e sem interrupções significativas. A área plantada aumentou relativamente à campanha anterior, refletindo a recuperação da área não instalada em 2025 devido às condições meteorológicas adversas e a expectativa de melhoria das condições de produção. As temperaturas amenas durante grande parte do mês associadas à reduzida precipitação, proporcionaram condições favoráveis ao desenvolvimento vegetativo da cultura, não se registando limitações na disponibilidade de água para rega. No final do mês observava-se uma elevada variabilidade fenológica, em função da época de instalação das parcelas. As plantações mais precoces encontravam-se nas fases de desenvolvimento e maturação dos frutos, prevendo-se o início da colheita entre o final de julho e o início de agosto. As plantações mais tardias encontravam-se maioritariamente em floração, sendo motivo de preocupação a eventual ocorrência de temperaturas muito elevadas durante o mês de julho, pelo seu potencial impacto negativo na floração, vingamento e maturação dos frutos. Pontualmente, verificaram-se problemas localizados

associados a fatores específicos de parcela, nomeadamente sintomas compatíveis com fitotoxicidade por herbicidas voláteis e efeitos decorrentes do excesso de precipitação ocorrida no final de abril em terrenos de menor capacidade de drenagem, condicionando o desenvolvimento vegetativo de algumas plantas. Atendendo ao bom desenvolvimento da cultura, as perspectivas de produção são globalmente favoráveis, estimando-se uma produtividade semelhante ou ligeiramente superior à da campanha anterior. Contudo, mantém-se a preocupação relativamente ao eventual impacto das temperaturas elevadas previstas para julho, bem como ao aumento dos custos dos fatores de produção, em particular dos produtos fitofarmacêuticos e restantes meios de produção, cuja evolução poderá comprometer a rentabilidade da cultura.

Na Península de Setúbal, a plantação teve início no princípio de abril, com um pequeno aumento da área plantada relativamente à campanha anterior. No final do mês, a cultura encontrava-se, em geral, em início de frutificação, tendo a floração ocorrido em meados do mês. O desenvolvimento das plantas era considerado satisfatório, embora a preocupação com as temperaturas muito elevadas previstas para o início de julho. A colheita deverá ocorrer na segunda quinzena de agosto ou na primeira semana de setembro, dependendo da evolução na maturação dos frutos e da programação de receção por parte das unidades industriais, considerando que o tomate deve ser colhido no momento ótimo de maturação. Existe preocupação com a rentabilidade da cultura. O preço do tomate para indústria é definido antecipadamente, não refletindo a evolução do aumento dos custos de produção ao longo da campanha. Este facto associado à estabilização ou redução do preço de venda, traduz-se numa diminuição das margens económicas das explorações.

## Pimento para indústria

Na Grande Lisboa, durante o mês ficou concluída a instalação da cultura do pimento para indústria, tendo as plantações decorrido dentro do calendário previsto. As condições climáticas foram, de um modo geral, favoráveis ao desenvolvimento da cultura, observando-se um bom vigor vegetativo. Após a instalação, procedeu-se à colocação de plástico de cobertura do solo para controlo das infestantes. Prevê-se o início da colheita do pimento verde durante o início de agosto, enquanto a colheita do pimento vermelho deverá ter início a partir de meados do mesmo mês.

## Girassol

No Médio Tejo, as searas mais avançadas encontravam-se em bom estado vegetativo e principalmente na floração. É estimada uma boa produtividade, face ao desenvolvimento regular da cultura, esperando-se níveis de produtividade dentro das normais para a cultura. Estima-se um aumento muito significativo de áreas semeadas com a cultura de girassol comparativamente ao ano anterior. Sendo a cultura praticada em sequeiro na região, verificou-se alguma rega assistida nos períodos mais críticos de calor.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, estima-se um aumento muito acentuado das áreas instaladas com a cultura relativamente ao ano anterior. As searas apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo e encontravam-se predominantemente na fase de floração. Estima-se uma produtividade semelhante à do ano anterior e enquadrável nos valores de um ano normal. Embora a cultura seja de sequeiro, nos períodos de maior calor, algumas searas foram assistidas com rega.

## Batata

No Oeste, a batata de regadio para consumo em fresco, instalada em solos mais leves, de areia, nos concelhos de Caldas da Rainha, Óbidos e Bombarral, encontrava-se em colheita desde o final de maio. A cultura instalada em solos mais pesados, para consumo e alguma para a indústria, nos concelhos da Lourinhã e Torres Vedras, apresentava um estado avançado de desenvolvimento, prevendo-se o início das colheitas em julho. Nos batatais já colhidos a produtividade e a qualidade foram muito boas, bastante superiores ao ano anterior. A expectativa em relação à cultura ainda no campo é igualmente bastante elevada.

A colheita de batata de sequeiro foi iniciada a meio de maio e no final de junho encontrava-se bastante adiantada. A produção colhida apresentava uma produtividade ligeiramente inferior aos valores normais para a região, mas superior à do ano anterior, que foi um ano mau, e uma qualidade média.

O preço da batata de consumo apresentava valores muito baixos. A descida não se deveu a excesso de batata nova nacional, mas à oferta de batata francesa velha importada e colocada no mercado nacional a valores extremamente baixos, causando desordem no preço da batata nova nacional.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas de batata iniciaram-se na segunda metade de maio e decorreram a bom ritmo e sem atrasos neste mês, acompanhando as necessidades do campo, verificando-se a recuperação do atraso inicial. Na produção destinada à indústria, face ao escalonamento da cultura, prevê-se que a colheita decorra até setembro. As produtividades encontravam-se ligeiramente acima do expectável e superiores ao previsto num ano normal. A qualidade era considerada boa. Os campos ainda em desenvolvimento apresentavam bom estado vegetativo, embora pontualmente se observasse alguma heterogeneidade em consequência das condições

meteorológicas, em especial, devido às oscilações de temperatura ao longo do ciclo da cultura, com alguns desenvolvimentos mais lentos e um menor vigor das plantas. O setor mostrava preocupação com a capacidade de o mercado absorver as produções, por estas se encontrarem elevadas, perspetivando-se produções superiores aos volumes contratados, resultando em consequência problemas de escoamento e de preço.

Na Península de Setúbal, a batata precoce, cuja sementeira tinha sido efetuada em fevereiro e março, teve problemas na implementação da cultura e no desenvolvimento inicial, devido às condições de precipitação intensa nessa fase. No final de junho a colheita encontrava-se praticamente concluída, permanecendo apenas algumas parcelas por colher. Os calibres obtidos foram bons, situando-se acima da média habitual. As produtividades foram superiores às da campanha anterior. Sendo os encargos desta cultura muito elevados e os preços pagos à produção muito baixos e com grandes oscilações ao longo da campanha, a rentabilidade da cultura está altamente comprometida. Na batata para indústria, a sementeira decorreu entre março e abril. A colheita iniciou-se durante este mês, encontrando-se praticamente concluída. A produtividade foi superior à da campanha anterior. A batata estival, cuja colheita decorre habitualmente entre dezembro e fevereiro, ainda não se encontrava instalada, estando a sementeira prevista para agosto.

## Milho de sequeiro

No Oeste, o milho de sequeiro apresentava plantas bem desenvolvidas e vigorosas, com uma altura de cerca de 1,8m. O milho é de ciclo curto (três meses) e encontrava-se já na fase de enchimento do grão. A precipitação ocorrida na primeira metade de maio, na fase de desenvolvimento das plantas, e no final de junho, na fase

de enchimento do grão, foram muito benéficas para a cultura, prevendo-se uma boa produtividade, mais elevada do que no ano anterior. No entanto, existe algum receio do efeito das temperaturas muito elevadas que se esperam no início de julho, numa fase sensível da cultura.

## Melão

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, foram feitas as últimas plantações, as quais se preveem colher no final de agosto e início de setembro. As plantações em geral decorreram bem, com exceção dos dias de insolação mais intensa que causaram morte de plantas e necessidade de retanchas. As plantações mais adiantadas encontravam-se em colheita. A floração e o vingamento nas plantações em desenvolvimento, decorriam normalmente. As plantas apresentavam um número de frutos e calibres equilibrados, contudo em algumas variedades os calibres eram menores do que o habitual. A produtividade prevê-se superior à do ano anterior. Os parâmetros de avaliação (*brix*, cor e textura da polpa, manchas na pele e índice de sumo) indicavam uma boa qualidade dos frutos. As maturações evoluíram bem, os níveis de *brix* são elevados e os calibres adequados.

Na Grande Lisboa, a cultura do melão apresentou um bom desenvolvimento vegetativo, observando-se já a formação dos primeiros frutos. Mantendo-se as atuais condições de desenvolvimento, prevê-se o início da colheita durante o mês de agosto. Tal como referido no relatório anterior, *“a cultura do melão tem vindo a perder expressão, em consequência da elevada volatilidade dos preços pagos à produção.”*

7 de julho de 2026

## DADOS METEOROLÓGICOS

|                                                   | Alto Oeste | Baixo Oeste               |                              | Grande Lisboa                    | Península de Setúbal |        | Lezíria do Tejo | Baixo Sorraia | Médio Tejo        |        |
|---------------------------------------------------|------------|---------------------------|------------------------------|----------------------------------|----------------------|--------|-----------------|---------------|-------------------|--------|
| Dados das estações meteorológicas<br>(Fonte IPMA) | Alcobaça   | Santa Cruz<br>(Aeródromo) | Torres Vedras<br>Dois Portos | Lisboa<br>Instituto<br>Geofísico | Setúbal              | Pegões | Santarém        | Coruche       | Tomar<br>Valdonas | Alvega |
| Temperatura máxima (°C)                           | 35,4       | 29,4                      | 34,8                         | 34,4                             | 37,0                 | 39,2   | 38,7            | 38,9          | a)                | 42,5   |
| Dia                                               | 12         | 12                        | 13                           | 12                               | 12                   | 21     | 12              | 12            | a)                | 21     |
| Valor médio da temperatura máxima (°C)            | 26,8       | 21,8                      | 26,5                         | 28,3                             | 29,6                 | 32,0   | 30,5            | 32,5          | a)                | 34,9   |
| Temperatura máxima normal para a época (°C)       | 24,6       | -                         | 24,9                         | 26,1                             | 27,9                 | 28,7   | 28,3            | 29,4          | —                 | 30,3   |
| Temperatura mínima (°C)                           | 9,5        | 9,4                       | 12,2                         | 14,2                             | 13,0                 | 10,3   | 11,9            | 10,6          | a)                | 9,6    |
| Dia                                               | 11         | 11                        | 5                            | 5                                | 7                    | 5      | 5               | 7             | a)                | 5      |
| Valor médio da temperatura mínima (°C)            | 15,6       | 14,4                      | 15,9                         | 18,0                             | 15,9                 | 14,9   | 16,0            | 15,2          | a)                | 15,5   |
| Temperatura mínima normal para a época (°C)       | 13,1       | -                         | 14,0                         | 16,8                             | 14,3                 | 13,7   | 14,8            | 13,3          | —                 | 12,6   |
| Temperatura média normal para a época (°C)        | 18,9       | -                         | 19,4                         | 21,5                             | 21,1                 | 21,2   | 21,5            | 21,4          | —                 | 21,5   |
| Horas de frio                                     | n/a        | n/a                       | n/a                          | n/a                              | n/a                  | n/a    | n/a             | n/a           | n/a               | n/a    |
| Rajada máxima de vento (Km/h)                     | 49,3       | 50,4                      | 61,6                         | 59,8                             | 54,4                 | 43,6   | 57,6            | 51,1          | b)                | 48,2   |
| Dia                                               | 9          | 9                         | 2                            | 9                                | 9                    | 2      | 25              | 4             | b)                | 1      |
| Número de dias com precipitação                   | 7          | 7                         | 5                            | 1                                | 2                    | 3      | 2               | 2             | b)                | 1      |
| Precipitação acumulada no mês (mm)                | 7,9        | 10,2                      | 22,9                         | 1,9                              | 0,5                  | 0,6    | 3,6             | 0,4           | b)                | 1,1    |
| Precipitação normal para a época (mm)             | 18,8       | -                         | 16,0                         | 14,1                             | 15,2                 | 13,3   | 16,3            | 10,4          | —                 | 14,8   |
| Precipitação diária máxima no mês (mm)            | 4,9        | 8,5                       | 21,2                         | 1,9                              | 0,4                  | 0,3    | 3,4             | 0,3           | b)                | 1,1    |
| Dia                                               | 25         | 25                        | 25                           | 25                               | 25                   | 25     | 25              | 25            | b)                | 12     |
| Humidade relativa diária mínima (%)               | 22         | 37                        | 23                           | 25                               | 22                   | 39     | 15              | 13            | b)                | 14     |
| Humidade relativa diária máxima (%)               | 96         | 100                       | 99                           | 100                              | 95                   | 100    | 97              | 100           | b)                | 98     |

**Notas:**

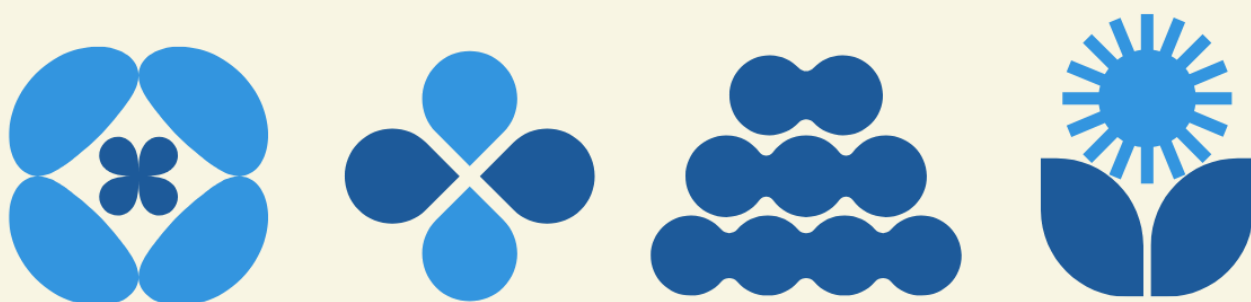
Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados relativos à Temperatura Máxima e Temperatura Mínima, em todos dos dias do mês.

b) Falha de dados relativos à Precipitação Acumulada, Vento (Rajada Máxima) e Humidades Relativas, nos dias 28, 29 e 30.

— Sem dados

n/a - Não aplicável



**CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.**  
**RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37**  
**1250-009 LISBOA**

**TEL.: +351 213 837 100   GERAL@CCDR-LVT.PT   WWW.CCDR-LVT.PT**